

## PREÂMBULO

### GANÂNCIA E CONSUMISMO DESENFREADOS - DANOS IRREPARÁVEIS AO MEIO AMBIENTE

“Para a ganância, toda a natureza é insuficiente” (Sêneca 4.a.C-65 d.C.).

A ganância exacerbada, o egoísmo insano, o consumismo desenfreado, frutos e convivas, em si, do capitalismo e do mercantilismo irrefreáveis, são causas diretas da degradação ambiental em que vivemos, com consequências inimagináveis para as vidas futuras. Os recursos naturais acham-se em risco e muitos deles à beira da exaustão. A natureza, dolorosamente, é vista apenas como provedora de lucros.

Ao lado da voracidade empresarial, encontra-se a negligência do Estado, quando não sua cumplicidade, permitindo a devastação de florestas, a extinção de biomas, sendo que, segundo dados da FAO/ONU, 70% do desmatamento na América Latina foi provocado pelo agronegócio (expansão de áreas de cultivo e criação extensiva de gado). Nenhuma preocupação com a sustentabilidade, ocasionando a poluição do ar, solo, águas, a extinção de espécies animais, além do alagamento de cidades, a redução da biodiversidade. Indústrias, igualmente, liberam enorme quantidade de poluentes, tendo como consequência dramática o aquecimento global (aumento excessivo da temperatura, convulsões climáticas, degelo dos polos, doenças etc.).

Leis severas necessitam ser efetivadas, de forma a combater os criminosos que desmatam irregularmente florestas, pesca e caça predatórias, minerações clandestinas, bem como as indústrias que degradam a atmosfera e o solo. Indispensável, ademais, uma campanha maciça de conscientização da sociedade, iniciando-se desde os bancos escolares, quanto à responsabilidade social, à sustentabilidade ambiental e à sobrevivência planetária – um processo de transformação e reeducação em nossas relações para com a natureza, sob pena de irmos todos para o abismo...

“Viva em harmonia com as leis da natureza e você nunca será pobre. Viva em harmonia com opiniões alheias e nunca será rico”. (Sêneca)

TODAMATERIA.COM.BR/CULTURA-DO-SUDESTE/ DIVULGAÇÃO



### Então dancemos, uai!

Catira, Caxambu, Tapuiada... Além da História ímpar e de uma Gastronomia de dar água na boca, Minas Gerais também é rica na Dança como manifestação cultural! E podemos garantir: há muitos outros exemplos além da magnífica Folia de Reis.

Pág. 3

### A Igreja Matriz

“Na segunda metade do século XVIII quando foi se incrementando o povoamento da região de Minas Gerais havia também a necessidade da assistência religiosa. Assim povoadores ao se fixar num ponto edificavam também uma ermida ou um simples oratório dedicado ao santo de sua devoção. Fato que justifica a ocupação da atual sede do município que teve a sua primeira ermida particular e a primeira capela pública dedicada ao 'Senhor São Thiago Maior e Senhora Sant'Anna'”.

Pág. 4

### 90 ano da Revolução Constitucionalista

“No dia 9 de julho, 23h30, o comando da 2ª Região Militar se rebela, invade as duas emissoras de rádio paulistanas. O Correio e a Companhia Telefônica caem nas mãos dos revolucionários e começa a luta armada. Está deflagrada a Revolução Constitucionalista”.

Pág. 8

### 150 Anos da Incorporação

Antes de se tornar um termo corriqueiro no mercado imobiliário, “incorporar” significou, na História, aglutinar populações inteiras. Tanto o é que São Tiago, município independente e autônomo hoje, já pertenceu a São João del-Rei e, entre 1872 e 1948, a Bom Sucesso.

Pág. 14

# ADIVINHAS

- 1- O que é o que é? Quem é que bebe pelos pés?
- 2- O que é o que é? Respira sem pulmões, tem pés e não anda?
- 3- O que é o que é? Precisa de uma mãozinha para trabalhar?

Respostas: 1- As plantas; 2- as plantas; 3- a manicure.

## Provérbios e Adágios

- Farinha pouca, meu pirão primeiro.
- Feijão e farinha, até com a mão se come.
- Quem tudo quer, tudo perde
- Não valem dez réis de mel coado
- Amansar a cabrita para outro mamar (arrumar a cama para outro se deitar)

### Para refletir

#### Frases de Santo Agostinho:

- Orgulho não é grandeza, mas inchaço. E o que está inchado parece grande, mas não é sadio.
- O mundo é um livro, e quem fica sentado em casa lê somente uma página.
- Se o homem soubesse as vantagens de ser bom, seria homem de bem por egoísmo.
- Não teve tempo algum em que não tivesse tempo.

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

*O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.*

**Comissão/Redação:** Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

**Coordenação:** Ana Clara de Paula

**Colaboração:** Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

**Apoio:** Davy Antonio Silva Reis

**Revisão:** Fábio Antonio Caputo e Sandra Regina Almeida Caputo

**Jornalista Responsável:**

Marcus Santiago – MTB 19.262/MG

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

## AO PÉ DA FOGUEIRA

### O BOIADEIRO PRESUNÇOSO E CORONEL MODESTO DE CASTRO

A vistosa manada, em torno de quase meio milhar de cabeças, após adentrar, irrequieta, as ruelas do arraial, atravessava agora a praça principal, dali, provavelmente, em direção à porteira grande, hoje saída para Bom Sucesso. Fins do século XIX. Outono se findando, terra poeirenta, a que algum esporádico, travesso redemoinho, em espirais, lançava aos ares. À frente, berrante em cadência, seguiam os ponteiros, coadjuvados pelos flancos por hábeis peões; na retaguarda, jovem e imponente boiaideiro, chamando a atenção geral por sua garbosa indumentária – chapéu de feltro de aba larga, calça sanfonada com franjas, camisa de algodão, lenço vermelho no pescoço – montando belíssimo cavalo crioulo. Tipo de estranhos, a que o povo, por vezes, chamava de galegos.

Curiosos populares, alguns de soslaio pelas janelas, outros postados ao longo das ruelas, observavam a passagem de mais uma boiada, acostumados já ao diuturno trânsito de homens e animais indo e vindo dos sertões de Goiás em direção à Corte ou vice-versa. Um dos populares, à altura da igreja matriz, trajado sobriamente, roupas de algodão, alpercatas de couro nos pés, chapéu de palha esgarçado, dirige-se, afavelmente, ao jovem boiaideiro-chefe:

- Esse gado, são moço, acaso, é de venda? Tenho interesse, caso afirmativo...

O galego, garboso, sequer presta a mínima atenção ao transeunte e ao seu manifesto interesse pelo rebanho. Nem o deixa terminar. Simplesmente, faz um gesto de desdém, aperta rispidamente o chapéu na cabeça, estira os dentes, estala sibilante o relho, sinalizando ao belo cavalo que se movimente, envolvendo e zonzando o pacato morador em grossa nuvem de poeira.

Após mover-se pela praça, como que à procura de algo, o gado ali espremido, o boiaideiro, orientado por populares, dirige-se à botica de propriedade do Cap. João Pereira, a maior autoridade política local e uma das maiores e mais conhecidas fortunas da região, por aqueles tempos – final do século XIX, inícios do século XX. Após apelar, prestando reverências ao capitão, o jovem oferece-lhe o gado. – É de venda, diz. E necessito dispor, pois tenho mais uns quatro lotes desses no sertão em Campos Altos, que tenho que buscar e negociar.

O capitão desconversa, expondo ao estranho não ter interesse, pois fizera outros sérios compromissos e negócios de vulto por aqueles dias, estando momentaneamente descapitalizado.

Para alento do boiaideiro, diz-lhe: - Há aqui no arraial, alguém, contudo, que pode perfeitamente adquirir a sua manada. E nos cobres... Sem maiores delongas...

Isso posto, o Capitão ordena a um auxiliar da farmácia: - Vá a casa do Cel. Modesto de Castro ou localize-o por aí, pois precisamos dele aqui com urgência.

Dali a minutos, eis que chega o Coronel Modesto, com sua aparência desprezível, tão humilhada. Ao vê-lo, sendo-lhe apresentado, o boiaideiro enrubesce, engasga, entala. Sequer se cumprimentam. A reação do coronel recém-chegado é, por sua vez, de desgosto, desconforto. O boiaideiro, aparvalhado, em estado de momentâneo torpor, é despertado pela voz forte do Capitão João Pereira:

- Moço, moço, aqui está o Coronel Modesto (1847-1926), decerto a maior fortuna da região e que poderá adquirir, conforme já lhe disse, o rebanho em espécie...

Sem meias palavras, Coronel Modesto descarta qualquer negócio com o forasteiro. Enquanto se afastava, esclarece: - Desse aí, nem dado. Ali atrás, há poucos minutos, interpelei-o manifestando interesse em adquirir os animais e fui inteiramente desconsiderado.

O Capitão João Pereira, voltando-se para o rapaz, pondera: - O único comprador, com capacidade de adquirir o gado, aqui, seria o Cel. Modesto. Ele sequer quer conversar a respeito. Pelo que pude observar, meu jovem, o seu cartão de visita, ou seja, o seu modo pedante de proceder, afasta a clientela. Que lhe sirva de lição: nunca se apegue a aparências. Por trás da simplicidade do Cel. Modesto, há uma riqueza incomensurável, não só financeira, mas igualmente um cidadão idôneo, corretíssimo, dotado dos mais elevados princípios morais e cristãos... E que poderia lhe comprar todo esse gado...E outros lotes mais...

(Fonte: Sr. Antonio Fernando Lara Coelho, a quem muito agradecemos)



Realização:



Apoio:



# DANÇAS E COREOGRAFIAS EM MINAS GERAIS

Nosso Estado, como sabemos, detém riquíssimas manifestações culturais – mitos, lendas, folguedos, artesanato e arte popular, culinária, credences, festas tradicionais, causos e contos, dentre tantas que compõem variantes de nosso folclore e de nossa “mineiridade”. É a alma lúdica, sábia, encantadora, miscigenada de nosso povo, que, na sua simplicidade e universidade, formou um eclético mundo de representações humanas e artísticas, autóctones ou aqui adaptadas, orgulho de nosso Estado. E que necessitam serem resgatadas, valorizadas.

No campo das danças e coreografias, merecem destaque manifestações como folias de Santos Reis, congadas, reisados, festas do Divino, dança de São Gonçalo, quadrilhas, folguedos e brincadeiras infantis, cantigas de roda, catira (cateretê), caxambu, dança dos velhos, mineiro pau, lundu, caboclinhos, marujos e catopés etc., expressões das “muitas Minas”, da Minas plural de que nos fala Guimarães Rosa, cujos alicerces se firmam em nossos processos de colonização e povoamento como a mineração, tropeirismo etc.

Nossas ricas manifestações folclóricas tem uma relação dialética com o turismo, pois promovem geração de renda e empregos, devendo merecer, pois, melhor e maior atenção de nossas autoridades e empresários.

**LUNDU E BATUQUE** - Tipo(s) de danças comuns em festas sertanejas, em especial durante o reisado, entre 25 de dezembro e 6 de janeiro. Uma forma de agradecer a esmola do dono da casa ou até mesmo a cachaça distribuída aos foliões, logo após a louvação ao Deus Menino.

A diferença entre lundu e batuque é que, no lundu, o dançarino se exhibe só, enquanto no batuque a dança é realizada pelo par (homem/mulher). Em ambas, a coreografia se passa no centro de uma roda. No batuque, são empregadas viola, pandeiro, caixas, sanfona, ao passo que no lundu são usados apenas membranofones de percussão direta ou indireta.

**Carneiro** – O carneiro é uma variante de batuque. A denominação vem de sua principal característica, a marrada, que é dada ombro a ombro entre os dois dançarinos. Estes se colocam no centro do círculo, formado pela roda de assistentes e coparticipantes. À exceção do par dançarino, todos os outros cantam, batem palmas ou tocam instrumentos.

Em tempos idos, a marrada era a tradicional umbigada, tida por muitos como erótica, e que foi substituída pelo “dar de ombros”, ao que parece por pressão ou influência religiosa.

Alguns versos entoados durante a dança:

Olê lê, carneiro dê  
 Olá lá, carneiro dá  
 Quem quiser carneiro manso  
 Manda vaqueiro amansar

Amanhã eu vou m'embora  
 Eu não vou m'embora não  
 Se eu tivesse de ir m'embora  
 Eu não 'stava aqui mais não

Na sala, Sinhá não quer  
 Que ninguém dance o carneiro  
 Mas ajuda bater palmas  
 Prá quem dançar no terreiro

Olê lê, carneiro dê ..... etc.

**SÃO GONÇALO** - participam dez ou doze pares de moças, todas trajadas de branco. Tantas moças, tantos arcos de seda em franjas. Apenas um homem toma parte, o marcante, assim denominado porque marca as rodas, coordenando o grupo do começo ao fim. O marcante representa São Gonçalo, o santo folião de Amarante (Portugal).

A dança é em reconhecimento ao santo e pelo cumprimento da promessa feita por algum devoto, quando se obtém um favor ou pleito atendido. Durante a coreografia, animada por caixas, viola, sanfona, as moças realizam evoluções com os arcos, sob o comando do marcante ou guia.

**CATERETÊ (CATIRA)** - A dança desenvolve-se em duas fileiras de dançarinos, postadas frente a frente, geralmente só dos homens. Dois violeiros – mestre e contramestre - dirigem a função, sendo os únicos que cantam. Ao final de cada estrofe, trocam-se os lugares. Os dançarinos sapateiam firmes, batem palmas, fazem pião (cada figurante gira em torno de si mesmo), sempre acompanhando a cadência e também retornando a frente inicial.

Dança mais conhecida em nosso meio como catira e muito praticada, no passado por moradores, tropeiros etc., merecendo resgate.

**CAXAMBU** - De origem africana (cultura banto) é uma variação do jongo.

**DANÇA DOS VELHOS** - Os figurantes, ocultos por máscaras com feição de velhos ou velhas, cada qual se apoiando em um bastão ou cajado rústicos, apresentam-se em duas fileiras, que se aproximam e se afastam ou trocam de lugares, ao ritmo de bate-pé e com acompanhamento musical – viola, violão, pandeiro etc.

**MINEIRO PAU** - Os figurantes, para dançar, se dispõem em roda(s) ou fileiras. O ritmo é marcado pelos batedores (como são designados os figurantes que conduzem bastões ou varas com altura aproximada de 2 metros). No acompanhamento musical, sobressaem chocalhos, pandeiros, reco-recos, ferrinhos, caixas, zabumbas etc.

**TAPUIADA** – dança religiosa de origem afro-indígena que homenageia Nossa Senhora do Amparo, padroeira dos pardos livres. Rica em passos, conta a história de congos negros e tapuios que habitavam a região de Paracatu. Separados, os blocos cantam e dançam desconfiados uns dos outros.

A apresentação destaca fortemente a rivalidade e diferença econômica entre as tribos. Os congos, originalmente são ricos, usando joias em maior quantidade e acabam vencedores; ao final, as tribos se reconciliam, demonstrando devoção a Nossa Senhora do Amparo.

REPUDIÇÃO INTERNET/ESCOLAEDUCACAO.COM.BR/ DIVULGAÇÃO



## PRINCIPAIS MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS DO BRASIL

- Carnaval
- Festas Juninas
- Parintins
- Festas religiosas afro (Lavagem do Bonfim, Iemanjá)
- Festa do Peão
- Folias de Reis
- Festa do Divino
- Cavalhadas
- Congado
- Círio de Nazaré
- Boi bumbá

Minas Gerais – Algumas de nossas riquíssimas manifestações: batuque / caboclinhos / cana verde / cantigas de roda / capoeira? / catira (cateretê) / ciranda / catopés / cavalhada / dança de São Gonçalo / festas juninas / maneiro pau / folia de reis / moda de viola.



# Igreja Matriz de São Tiago Maior e Sant'Ana: 100 anos de sua inauguração (1922-2022)

Antes de falarmos sobre o centenário de inauguração da Igreja Matriz de São Tiago Maior e Sant'Ana lembremos os primórdios da história de São Tiago até chegarmos aos dias atuais no contexto da edificação do templo principal dos católicos são-tiaguenses e patrimônio material e imaterial da cidade.

Na segunda metade do século XVIII, quando foi se incrementando o povoamento da região de Minas Gerais, havia também a necessidade da assistência religiosa. Assim, povoadores ao se fixar num ponto, edificavam também uma ermida ou um simples oratório dedicado ao santo de sua devoção. Fato que justifica a ocupação da atual sede do município que teve a sua primeira ermida particular e a primeira capela pública dedicada ao “Senhor São Tiago Maior e Senhora Sant’Anna”.

Na explicação sobre ermidas e capelas do historiador Waldemar de Almeida Barbosa, no Dicionário da Terra e da Gente de Minas, edição de 1985, p. 23 traz a seguinte informação: “(...) A ermida era uma capela particular, cuja licença deveria ser renovada periodicamente, junto ao Bispo. Já a capela era pública e, para sua construção, devia ser requerida licença junto ao bispo, que exigia, antes de concedê-la, a doação de um patrimônio, que era constituído de uma porção maior ou menor de terras doadas ao santo ou santa da devoção de quem tomava a iniciativa. (...)”

Anos mais tarde, o arraial de São Tiago tornou-se um ponto de parada, de pouso e alimentação de tropeiros, viajantes, desbravadores, ambulantes e vendedores. A localidade crescia e tornava-se um lugar agradável de se viver, muitas pessoas que passavam por aqui agradavam, criavam laços de amizade, adquiriam propriedades e aqui se estabeleciam.

A povoação se desenvolvia e demandava a construção de um novo templo, pois a antiga ermida não atendia às necessidades da população. Foi preciso construir uma capela pública maior para abrigar os fiéis e receber os capelães que atendiam na região para administrar os sacramentos e celebrar o Santo Sacrifício da Missa. Sendo assim, a primeira capela pública construída em São Tiago se deu por provisão datada de 02 de dezembro de 1761, expedida pelo primeiro Bispo de Mariana, Dom Frei Manoel da Cruz aos moradores com terras situadas entre o Rio do Peixe, Jacaré e suas vizinhanças tendo como invocação o “Apóstolo Senhor São Tiago Maior e a Senhora Sant’Anna”. O responsável para lançar as bases desta edificação foi o Revmo. Pe. Francisco Xavier da Costa Fialho a pedido do Bispado de Mariana. Na ocasião o sacerdote delimitou o terreno da capela e do adro (cemitério) em ponto alto e plano da localidade, após deu a bênção.

No espaço separado no centro do arraial, moradores deram início à construção da capela com o trabalho e doação dos são-tiaguenses e vizinhos da região. Assim a velha ermida deu lugar a construção da capela pública do arraial, que foi finalizada no ano seguinte. Atribui-se a antiga edificação ao arquiteto e construtor português Manoel Marques de Carvalho que anos depois veio a adquirir a Fazenda das Laranjeiras.

O crescimento da localidade foi firmando no entorno do arraial e terras próximas. “(...) Ao redor da capela iam surgindo casas, uma venda e, aos poucos, formava-se um povoado. Essa capela, dessa forma, passava a ser “curada”. Era a Aplicação. Aplicação, pois, era nada mais nada menos, que a capela curada, isto é, com capelão, como cura. E os fregueses dessa Aplicação, os moradores do povoado e arredores, eram os aplicados” (IBID, p.23). Ocasionalmente, capelães que atendiam a região da Igreja de Nossa Senhora do Pilar, de São João del-Rei, da Diocese de Mariana visitavam a capela para celebrar missas e ministrar sacramentos. A construção da Capela no centro do arraial marcou o ponto central da organização da localidade, partindo dali, muitos anos depois, a criação de ruas.

Por escritura lavrada a 1º de junho de 1766 em notas do Tabelião Antônio Francisco Pimenta, na Vila de São João del-Rei, Domingos da Costa Afonso e sua mulher, dona Maria de Almeida e Silva, fizeram doação à Capela de São Tiago Maior e Sant’Ana para seu patrimônio, de cinco capões de matos compreendidos em uma sesmaria, que houve em praça pública do Juízo de Ausentes, na arrecadação de bens do falecido Manoel Gonçalves Maia.

Em 15 de maio de 1855 a antiga Capela Curada de São Tiago foi elevada à categoria de Freguesia sinal que a localidade se desenvolvia, podendo a partir de agora ter um sacerdote residente.

A Igreja Matriz de São Tiago possuía vigário próprio, Pe. José Men-

des dos Santos, sacerdote incumbido de administrar a freguesia, e ainda ajudar na organização e registros das propriedades (glebas) de seus primitivos moradores. Na nova freguesia podia se casar em data escolhida, sem ter que esperar a vinda dos capelães que não eram tão frequentes. Havia missa cotidianamente e os batizados eram celebrados assim que as crianças nascessem. Os sepultamentos eram realizados com assistência do vigário, diferentemente de outros tempos.



Desde a época da capelania e depois freguesia uma situação que preocupava os capelães e o vigário era a questão da igreja que não se encontrava em boas condições estruturais. Precisava de uma reforma geral, além de fazer uma ampliação, pois não comportava a população que crescia.

No ano de 1861, durante o paróquiato do 1º vigário, Revmo. Pe. José Mendes dos Santos, aconteceu o desabamento do frontal da Matriz, conforme registra o Almanak Administrativo, Civil e Industrial da Província de Minas Gerais, “Em 1861, desabou o frontal da igreja matriz e foi necessário reconstruir toda a frente da igreja; até agora não se concluiu a obra por ter a fábrica ficado alcançada em 530\$430.” (1870, p. 418) Não se sabe ao certo qual material teria sido usado para a construção do extinto templo, porém nota-se foi bem resistente para a época, pois durou cem anos da sua construção (1761-1861).

A preocupação do pároco ainda continuava com relação à segurança dos fiéis devido às condições decadentes da igreja.

No exercício de 1º de julho de 1863 a junho de 1864, o presidente da província de Minas Gerais autorizou vários atos, como a concessão de subsídios para administrar as povoações. No parágrafo 17 autorizou fazer reparos e construções de matrizes. A primitiva Matriz de São Tiago do termo da vila de São José foi contemplada na lista com o valor 500\$. (cfe. Almanak, 1864, p. 404) Presume-se que seja para reformas, pois a Freguesia, além de ter sua igreja construída o valor não era acessível para empreender uma construção de porte maior.

Ainda no regime do padroado a Matriz da Freguesia era o ponto central de encontro da comunidade são-tiaguense, pois além dos ofícios religiosos, era o espaço para resolver questões civis e administrativas da província, comarca e da sede do município. Fato esse que se comprova que conforme designado pelo Governo da Província em 31/10/1881, ocorreu a primeira eleição para deputado e senador dentro da Igreja Matriz de São Tiago. Ao final do ano, registrou-se também a realização da segunda eleição para vereador da Câmara Municipal de Bom Sucesso (08/12/1881).

O redator do Almanak (1869-1870) reuniu mais informações sobre o templo. “Também ameaça ruinar a sachristia, e o parócho suppõe que 2:000\$ concluir-se-hia tudo. Os rendimentos da fábrica, incluídos os juros de duas apólices da dívida publica, dá anualmente uns 180\$000 reis, e além das alfaias nada mais possui. Dentro do povoado existe uma capella da Senhora do Rozario, que ainda não está acabada, e apenas tem os paramentos necessários para a missa”. (p. 419)

Com o falecimento do Pe. José Mendes dos Santos, vigários da região como: Resende Costa, Ritápolis, Nazareno e Bom Sucesso vinham atender os fiéis da Freguesia de São Tiago até a posse do novo vigário. Porém a situação do templo também os preocupava. Por volta de 1892 a Matriz começou a apresentar problemas estruturais e de degradação. Diante dos poucos recursos e de outras necessidades o novo templo não poderia ser construído só para atender a demanda atual daquela época, mas pensar nas próximas gerações que viriam. Teria que ser bem maior do que a antiga igreja.

Prestando serviços pastorais na freguesia, entre os anos de 1869 a 1901, Pe. Júlio José Ferreira angariou os primeiros recursos.

Pe. Antônio Corrêa de Lima finalizando o paróquiato na Paróquia de Viçosa (1883-1901), em sua curta passagem por São Tiago, em 1902,



conduziu por extrema necessidade a demolição da velha matriz. Em arrojado lance, deu início à construção, obra tão almejada pela comunidade. Após seguiu para a Paróquia São João Batista em Visconde do Rio Branco. Na obra Notícia Histórica do Município de São Tiago, de autoria de Augusto das Chagas Viegas, 1972, informa que, “Pe. Antônio Corrêa Lima, que depois de prestar o inestimável serviço de incentivar a ideia de substituir por outra a antiga Matriz, que, já não comportava os fiéis, bem como o de iniciar a construção da atual, com os poucos recursos de que dispunha o patrimônio da Igreja.” (p.15)

No período inicial da demolição e construção dos alicerces da nova matriz para que os fiéis não ficassem privados de sua casa de oração, participavam das missas e atos religiosos na extinta Igreja do Rosário, do antigo Largo.

Três comissões superintenderam a obra: a primeira, organizada pelo vigário, Pe. Antônio Corrêa Lima, seu presidente, teve como tesoureiro o capitão João Pereira Santiago e como secretário o professor Guilherme Alves de Andrade. A segunda constituída no começo de 1904, pelo Pe. Crispiniano Antônio de Souza, que, no fim deste mesmo ano passou a presidência ao vigário, Pe. José Duque de Siqueira que nomeou os seguintes membros: José Zeferino Gabet, Capitão Vicente Gaudêncio de Sousa, Luiz Caputo, Joaquim da Mata Sobrinho, Francisco Mendes de Almeida e Eduardo de Sousa Pinto. A terceira comissão, organizada pelo vigário, Pe. José Duque (presidente), Capitão Vicente Gaudêncio de Sousa (tesoureiro), José de Campos (secretário) e demais membros: Modesto José de Castro, Domineu Coelho dos Santos, Joaquim Coelho Júnior e Joaquim Carlos de Campos. Comissão esta que desempenhou suas funções até o término da construção do templo.

Tomando posse como novo vigário da freguesia, o Revmo. Pe. José Duque de Siqueira, em 1904, com a ajuda de uma comissão e do povo de São Tiago, com muita luta e dedicação deu continuidade à obra começada. Não foi fácil conseguir os recursos devidos para a construção, foram 22 anos de lutas. Conseguia uma parte do material de construção, construía um pouco, parava a obra e foi assim sucessivamente até sua finalização.

Com grande júbilo e ação de graças a Igreja Matriz estava pronta e entregue a comunidade. No dia 15 de agosto de 1922 a nova Igreja Matriz foi solenemente inaugurada e abençoada pelo Revmo. Pe. José Duque com a presença dos reverendíssimos sacerdotes: Pe. Aureliano Santiago, Vigário de Passa Tempo; Pe. Crispiniano Antônio de Souza, Vigário de Ritópolis e Pe. José Coccozza, Vigário de Morro do Ferro; da comunidade paroquial, visitantes e amigos dos são-tiaguenses.

Augusto Viegas registra a impressão que teve ao contemplar a edificação do templo católico: “Igreja Matriz sobranceira, na parte alta da Praça Ministro Gabriel Passos. Este templo, que começou a ser erigido em 1902, terminando em 1922, é solidamente construído de alvenaria de pedra nos alicerces e de tijolos em todas as paredes. Medindo 44,70 metros de comprimento por 12,20 de largura, este edifício, alto, bem proporcionado, de linhas suaves, oferece a vista um conjunto harmonioso e agradável. A fachada dividida em dois planos, tem no térreo a porta principal, a cujos lados se veem dois nichos simetricamente dispostos, enquanto no superior apresenta três janelas que iluminam diretamente a grande nave e a tribuna de música. Esquiza torre quadrangular justa-posta no meio da frontaria, sobre bem trabalhada base de granito se levanta apoiada em elegantes arcadas ogivais de granito. Na parte da torre que sobreleva o plano do coro, na face da frente, está o relógio, e

acima a sineira, onde para todos os quadrantes, se rasgam em ogivas, como as demais construções, quatro amplas janelas onde a voz dos campanários, com autoridade e encanto, convoca os fiéis para as piedosas cerimônias de nossa fé, que a cruz, dominadoramente, no alto, evoca. Nas faces laterais externas se abrem de cada lado duas portas para a grande nave e uma para cada um dos corredores que ladeiam a capela-mor (...).” (IBID, p.85-86)

No dia 1º de janeiro de 1949, ocorreu um fato significativo, o distrito São Tiago obteve a emancipação política e administrativa quando foi elevado à categoria de município. Com grande vibração cívica, renomadas autoridades civis e pessoas das cidades vizinhas vieram prestigiar o ato de instalação do município de São Tiago. Às 9 horas do mesmo dia, houve desfile cívico, apresentação das bandas de cidades vizinhas e a bênção da imagem do padroeiro Senhor São Tiago que na ocasião havia chegado do Rio de Janeiro, após restauração. Durante a missa campal, presidida pelo Pe. José Duque, Pe. Francisco Elói, Vigário Cooperador pronunciou a oração em ação de graças a Deus pela elevação do distrito de São Tiago à categoria de município.

O início da primeira reforma desta Igreja Matriz se deu em 1948 e terminou em 1950, graças ao Altíssimo e o empenho dos moradores e dos sacerdotes, Pe. José Duque e Pe. Francisco Elói. A Igreja Matriz foi solenemente reinaugurada e abençoada pelo Bispo Diocesano, Exmo. e Revmo. Dom José Medeiros Leite, no dia 7 de maio de 1950. A festa de reinauguração foi um acontecimento marcante e pomposo para todos de São Tiago. O evento movimentou toda a cidade, estavam presentes além da população são-tiaguense, visitantes de todos os lados, autoridades civis e religiosas. Houve o traslado das imagens da Igreja do Rosário para a Matriz, bênção da imagem da Senhora Sant’Ana, Páscoa das moças, Solene Pontifical e oração alusiva proferida pelo Frei Gil Gomes da Ordem dos Pregadores homenageando e rendendo graças a Deus pelos 59 anos de aniversário sacerdotal do Revmo. Pe. José Duque.

Tempos depois, a Igreja Matriz passou por reformas mais profundas no intuito de estilizá-la e equipá-la a contento. Na ocasião foram feitas as pinturas pelos talentosos artistas da região, Octávio Vitoi e Saturnino Aquino que muito bem souberam traduzir em seu precioso trabalho e na suavidade das tintas a bela expressão das imagens pintadas nas paredes do templo. Por volta da década de 1960 a Matriz foi pintada da cor rosa claro e detalhes na cor branca.

Em meados da década de 1970, a Igreja Matriz foi novamente fechada para novas restaurações, pintura, ampliação das laterais próximas ao presbitério e construção de pequenas repartições. Para fazer o aumento das laterais na construção dos alicerces acabaram encontrando restos de ossos humanos, pois nos arredores da igreja havia o adro onde eram sepultados os corpos até a construção do cemitério. Nesta reforma foram feitas onde hoje é a Capela do Santíssimo, hoje, duas salinhas para reuniões e ensaios de corais, sendo uma embaixo e outra em cima. Hoje o espaço é único para a capela. Do outro lado, dentro da sacristia ficou uma sala em cima, outra em baixo, o banheiro, além da construção dos espaços ao lado onde fica os bancos virados para o presbitério. A igreja foi pintada na cor verde, portas e janelas na cor cinza claro, faixas e detalhes na cor branca. A cor verde é muito lembrada nas obras do saudoso Monsenhor Elói. Neste período as celebrações de missas e sacramentos eram realizados no Salão Paroquial do Edifício São José.

No dia 05 de junho de 1997, devido a um forte vendaval, seguido de uma tempestade, uma parte do telhado da Igreja Matriz desabou,

consequência da queda de uma parede triangular, construída em cima do telhado lateral com a finalidade de dar “acabamento estético” à construção. A queda desta parede comprometeu o forro da igreja, além da tela de pintura que havia no teto da nave central sem ter como aproveitar, pois estava podre devido à ação do tempo. Outras pinturas murais também foram danificadas e perdidas devido à queda da parede e da retirada da estrutura do telhado, havia trincas sobre as pinturas e muitas descascaram. “(...) Além dos graves prejuízos materiais, foi um grande golpe para a cultura, a arte e a memória de nossa comunidade. Afrescos e pinturas murais de autoria de Octávio Vitoi e Saturnino Aquino, quase todos da década de 1950, que descreviam passagens bíblicas e fatos da vida missionária e mesmo lendária de São Tiago Apóstolo foram destruídos e não recuperados, quiçá por desinteresse ou omissão de responsáveis.” (Sabores e Saberes, Outubro/2012). Dentre os afrescos perdidos, podemos mencionar; o Calvário, a Mater Dolorosa aos pés de Jesus Crucificado, São João Evangelista à direita de quem entrava na igreja, assim como à esquerda o quadro que representa a condenação do pecado (expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden), a anunciação da vinda do Salvador, davam a perfeita ideia das cenas que representavam. Também foram perdidas pinturas murais que ficavam ao lado da nave central. Do lado esquerdo São Tiago cavaleiro na batalha de Clavijó/Mouros, São Tiago saindo para a missão e se ajoelhado aos pés de Nossa Senhora do Pilar, e do lado direito a descida do Espírito Santo, Nossa Senhora e os apóstolos reunidos no cenáculo, dentre outras.

Logo após o ocorrido o então Administrador Paroquial, Revmo. Pe. Lúcio Carlos Vieira juntamente com o recém-formado Conselho Paroquial para Assuntos Econômicos (CPAE), pediu a todos os conselheiros envolvimento, seriedade e dedicação no desenvolvimento das obras que estariam para começar.

Na oportunidade, a coordenadora do CPAE Sra. Maria da Conceição Silva Mata juntamente com os conselheiros (Tesoureiro, Marcos de Oliveira Reis; 1º Secretário, Rogério Ladeira Franco; 2º Secretária, Josefa Maria Pelluzi Silva e demais membros: Rubens de Oliveira Mata, Sebastião Patrício da Silva, Anátalia Sousa Coelho Reis, Edna Silva Pinheiro Franco, Márcia Helena Alves Sousa, Valdir Ferreira Reis, Erminia de Carvalho Caputo Resende e Laerte Silva Resende) relataram e destacaram quatro itens que consideraram importantes como alicerces desta reforma: “1º- As bênçãos de Deus, a quem agradecemos por esta luz que nos conduziu; 2º- A obstinação do incansável Pe. Lúcio, que esteve à frente de todas as etapas da reforma; 3º- A generosidade do povo de São Tiago que compreendeu a necessidade de ajudar e não mediu esforços, item este que estendemos aos amigos de nossa terra e 4º- A disponibilidade dos conselheiros do CPAE, que marcharam junto com o Pe. Lúcio nesta caminhada”. Para finalizar, registrou em documentos da reforma da Igreja Matriz: “Hoje, 5 de abril de 1998, há exatos 10 meses do lamentável incidente, quando estamos reinaugurando a nossa Igreja Matriz, podemos constatar diversos melhoramentos e novas obras realizadas e, como por exemplo podemos descrever: 1º- a reestruturação da sacristia, que recebeu novo piso, banheiros e um bebedouro; 2º- a ampliação do local onde se encontra a Pia Batismal, oferecendo

maior comodidade em dias de batizados; 3º- a reforma da escadaria que dá para o coro; 4º- a reforma completa do sistema de sonorização; 5º- a reforma e a aquisição de lustres e arandelas; 6º- a aquisição de novos ventiladores, próprios para igrejas; 7º- a construção da Capela do Santíssimo e 8º- o novo engradamento, de estrutura metálica. Por tudo, Deus seja louvado!”

Nesta reforma, a igreja foi pintada do lado de fora na cor azul claro em sua maior parte e detalhes das faixas, portas e janelas na cor amarela.

No paróquiato do Pe. Robson Rosa Cardoso (2008 - 2016) teve início a restauração interna da Matriz e foi feita a pintura por fora na cor salmão em tom mais claro e nos detalhes em cor mais fortes; portas e balaústres em cor clara, janelas e porta na cor vinho. A pintura do interior foi finalizada no paróquiato do pároco atual Pe. Sebastião Corrêa Neto.

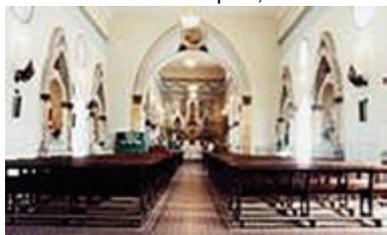
Ao adentrar no templo já se depara com a escadaria que dá acesso ao coro e do outro lado o batistério com a pintura do batismo de Jesus por João Batista no Jordão. No lado direito os altares laterais foram respectivamente organizados: o primeiro, à direita de quem entra no templo, a Nossa Senhora do Carmo, São João Bosco e Santa Joana Darc; o segundo ao Imaculado Coração de Maria, São Sebastião e Santa Terezinha e o terceiro, ao Senhor dos Passos. Os do lado esquerdo, também de quem entra na igreja, são: o primeiro, a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Santa Luzia e São Tarcísio; o segundo ao Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora Aparecida e São Judas Tadeu e o terceiro a Nossa Senhora das Dores. “No alto do arco-cruzeiro, na face que dá para a grande nave, traçada abaixo do vértice

da ogiva, cachos de trigo e de uvas, na representação dos elementos da sagrada eucaristia e o pelicano (...). Na capela-mor, “existem duas telas nas paredes laterais que representam a vocação de São Tiago e São João ao apostolado dão perfeita ideia de como os dois predestinados e felizes pescadores, despedindo-

se do pai e deixando os instrumentos de pesca, acompanharam Jesus na santa missão de cristianizar os povos. A que fica em frente representa a prisão do apóstolo”. (IBID, p. 87). No trono do altar-mor de mármore se venera São Tiago Maior, o padroeiro, ladeado pelas imagens de São José a esquerda e a da Senhora Sant’Ana, co-padroeira a direita. No centro do altar existe em um pequeno nicho a imagem de Nossa Senhora do Pilar. Já nos altares laterais, de madeira, ao lado esquerdo se encontram as imagens, no centro superior as imagens de Santa Catarina Labouré, abaixo Santa Rita de Cássia, Nossa Senhora da Conceição, Santa Inês e abaixo do altar a imagem do Senhor Morto. No lado direito próximo à Capela do Santíssimo Sacramento, no centro superior do altar está a imagem de São Luiz Gonzaga, São Cristóvão, São João Evangelista, São Francisco de Assis e abaixo do altar a imagem de Nossa Senhora da Boa Morte.

A Igreja Matriz de São Tiago Maior e Sant’Ana ocupa importante lugar junto à comunidade, pois é um dos marcos arquitetônicos mais significativos e de relevância artística e cultural da cidade, ponto de fé e referência da religiosidade para a maioria dos são-tiaguenses, lugar de realização das principais celebrações solenes do catolicismo romano e da vida cristã. Hoje o templo continua bonito, bem cuidado e inspirando a fé e a espiritualidade.

Marcus Santiago - IHGST



reforma da Igreja Matriz: “Hoje, 5 de abril de 1998, há exatos 10 meses do lamentável incidente, quando estamos reinaugurando a nossa Igreja Matriz, podemos constatar diversos melhoramentos e novas obras realizadas e, como por exemplo podemos descrever: 1º- a reestruturação da sacristia, que recebeu novo piso, banheiros e um bebedouro; 2º- a ampliação do local onde se encontra a Pia Batismal, oferecendo



# OCTÁVIO LEAL PACHECO E O COMITÊ

Octávio Leal Pacheco nasceu em Vargem Grande, município de Barra Pirai/RJ, no dia 31 de dezembro de 1891, numa tradicional família fluminense.

Em 1920, foi nomeado delegado de Recenseamento na cidade de Bom Sucesso, promovido a promotor de justiça interino.

Casou-se em primeira núpcias com D. Odete, tendo 9 filhos, sendo que 5 deles nasceram em São Tiago.

Em 1924, mudou-se para São Tiago, onde começou trabalhar com a política, com o povo. Organizou a “Empresa Força, Luz Santiaguense”, que só foi substituída em 1963, pela Central Elétrica de Minas Gerais (CEMIG). Por duas vezes foi eleito Prefeito Municipal no biênio de 1953 a 1955 e quadriênio de 1959 a 1963. Executou muitas obras na cidade e nos povoados, defendeu e conduziu as obras do Grupo Escolar “Afonso Pena Júnior”, cuja inauguração se deu em fevereiro de 1927; exerceu a função de inspetor escolar. Abriu ruas diversas na cidade, suprimiu becos, colocou meios-fios, sarjetas, extinguiu o cemitério ao lado da Matriz, transportando os restos mortais para o cemitério atual, reformou a rodovia entre São Tiago e São João del-Rei, abriu vários trechos na rodovia para Oliveira, fez construir a antiga e difícil ponte do Rio Jacaré, construiu barragem do Rio Sujo, abriu várias ruas em Mercês de Água Limpa bem como bueiros e aterros, melhorando o aspecto da principal via pública. Construiu a rodovia ligando a mineração de estanhos na divisa com Nazareno, providenciou serviços de água para Carapuça, reformou ponte do Fundo da Mata, etc. Sempre comprometido com seu povo e com a cidade de São Tiago, num trabalho incansável.

Casou-se em segundas núpcias com a delicada professora Dona Ilza Rosa, sendo que com essa segunda esposa, não deixou descendentes. Faleceu em 23 de maio de 1975, aos 84 anos.



Deixou seu lado poético fluir com lindos e numerosos poemas que estão arquivados no Memorial Santiaguense.

Como visionário fundou na década de 1930, com ajuda de outros líderes, o

“Comitê de Propagandas de Pró-melhoramento São Tiago” quando ainda a cidade era distrito de Bom Sucesso. Seu primeiro objetivo era que São Tiago, em vestisse no progresso local, tornasse-se logo uma cidade, buscando melhorias para a população.

Segundo o artigo 3º do Estatuto: O objetivo principal e único do Comitê era de trabalhar para o engrandecimento do Município, do Estado e da União Federal, congregando em torno desta ideia, todos os elementos que se apresentavam dispostos numa cooperação sincera, facilitando assim o trabalho do Comitê. Foram seus primeiros membros: Job Altivo da Mata, Francisco de Paula Lara, José Hemetério Mendes, Octávio Leal Pacheco, Henrique Pereira Santiago, José Resende Santiago e Vicente José Mendes.

Na década de 1960, houve uma reorganização do Comitê direcionando novos objetivos. Antes, pró-melhoramento e emancipação. Depois, novas benfeitorias para o município. Criou-se um novo estatuto, aprovado em assembleia, com mandato de cinco anos, sendo eleitos para a nova diretoria: presidente, Benjamim Amadeu de Almeida; vice-presidente, Antônio Procópio de Resende; secre-



tário, Octávio Leal Pacheco; tesoureiros: João Batista de Resende, Corínto de Campos, Antônio Belfort da Mata, Francisco Lara Filho. Conselho fiscal: Geraldo Martins Teixeira, Olímpio Camilo Silveira, João Evangelista Caputo, José Orlando Campos, Joaquim Morel Vivas, João Batista dos Reis, Henrique Pereira Santiago, Altivo Campos e José Resende de Carvalho.

Com a morte de Octávio, em 1975, não foi possível consolidar todos seus objetivos e o prédio construído para ser diretório ficou inacabado, sendo terminado em décadas posteriores. Após serviu para abrigar uma escola de educação infantil e na sequência serviu para sede de instituições sociais e filantrópicas do município, bem como a Secretaria de Saúde, EMATER, IMA, IEF e uma Escola Regular de Suplência de Alfabetização de jovens e adultos. Hoje abriga a Biblioteca Pública Municipal, Memorial Santiaguense e é a sede do Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago.

Na administração do prefeito Francisco Aristeu Pereira foi inaugurado em dezembro de 1992 o prédio do “Comitê” e a homenagem justa recebendo o nome de um dos seus idealizadores, “Octávio Leal Pacheco”.

Sua semente frutificou, inspirando várias outras gerações para um ideal de cidadania, liberdade, educação e cultura, com participação efetiva dos são-tiaguenses nas decisões coletivas de nossa cidade.

*Maria Elena Caputo  
Professora/Psicóloga*



# 90 ANOS DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA

## Acorda São Paulo

No dia 9 de julho, 23h30, o comando da 2ª Região Militar se rebelou, invade as duas emissoras de rádio paulistanas. O Correio e a Companhia Telefônica caem nas mãos dos revolucionários e começa a luta armada. Está deflagrada a Revolução Constitucionalista. Cria-se o MMDC - sigla formada a partir de Martins, Miragaia, Dráuzio e Camargo, organização civil clandestina que oferecia treinamento militar entre outras atividades. São Paulo recebe apoio dos Estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Mato Grosso. No dia 10 de julho é iniciada a campanha de alistamento voluntário. Na Faculdade do Largo São Francisco estudantes de Direito formam o Batalhão Universitário. As entidades civis, ACM-Associação Cristã de Moços, Rotarys, Lions, Maçonaria, Associação Comercial de São Paulo, FIESP- Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, etc., todas se mobilizam produzindo para a guerra. Fardas, agasalhos e meias para os soldados eram confeccionados pelas mulheres paulistas. A FIESP incumbiu suas associadas em um esforço de guerra à produção de material bélico. A Escola Politécnica empresta seus professores, engenheiros e estagiários para supervisionarem a produção. Granadas, cantis, capacetes de aço, veículos e trens brindados, armas leves e canhões de grosso calibre foram fabricados nas indústrias paulista. A 14 de julho, a Associação Comercial de São Paulo e os bancos lançam a campanha "Doe ouro para o bem de São Paulo", para lastrear a moeda de guerra instituída por decreto pelo governador Pedro de Toledo. Milhares de pessoas de todas as classes sociais doaram pratarias, joias, pulseiras de ouro e os menos abastados doaram suas alianças de casamento.

A imprensa através dos jornais Correio Paulistano e a Folha de São Paulo até serem "empastelados", foram instrumentos importantes como divulgadores do movimento. O jornal O Estado de São Paulo resistiu ao furor ditatorial. No dia 25 de janeiro de 1932, o principal líder civil do movimento, o jornalista Júlio de Mesquita Filho, já havia comprovado sua liderança quando 100 mil pessoas em passeata da Praça da Sé até a sede do jornal na Rua Boa Vista, foram ouvi-lo em um inesquecível discurso: "Anulada a autonomia de São Paulo, o Brasil se transformou num vasto deserto de homens e de ideias. E, se o nosso afastamento da direção da coisa pública equivaleu à implantação do caos e da desordem em todo o território nacional, a ordem, a tranquilidade, a disciplina, em uma palavra, o império da Lei e da Justiça só poderá ser restabelecido no dia em que São Paulo voltar à sua condição de líder insubstituível da Nação". Julinho como era conhecido foi membro da Loja Maçônica União Paulista II de São Paulo; Guilherme de Almeida e Menotti De Picchia alimentavam cada vez mais a chama acesa do movimento com reportagens e poemas na imprensa; As rádios paulistas são utilizadas para divulgação do movimento e o radialista Cesar Ladeira da Rádio Record ficou conhecido como "A Voz da Revolução"; Pedro de Toledo é proclamado governador do Estado de São Paulo. Todo o estado trabalhou e lutou com garra para a vitória da causa paulista.

Foram abertas três grandes frentes de batalha: nos limites do Paraná, das Minas Gerais e no Vale do Paraíba. As tropas enviadas para Itararé, divisa com o Paraná, retiraram-se antes da chegada dos 18 mil soldados das tropas governistas. A batalha mais importante na frente de Minas Gerais foi no Túnel da Mantiqueira. As tropas paulistas penetraram pelo Sul de Minas sendo barradas na cidade de Pouso Alegre e repelidos pelas tropas federais em direção à Campinas. Cidades próximas as divisas de Minas Gerais, (Itapira, Atibaia, Bragança Paulista entre outras) foram ocupadas pelas tropas federais e travaram combates com os paulistas. Principal acesso para o Rio de Janeiro, o Vale do Paraíba, foi visto pelos paulistas como teatro principal da guerra. A estratégia previa a conquista da cidade de Rezende, que chegou a ser bombardeada pela artilharia paulista, mas, a previsão de uma marcha rápida para o Rio foi obstada pelas tropas federais e com a falta de apoio de Minas Gerais, foram obrigados a bater em retirada para as divisas paulistas. Na cidade de Cunha, o agricultor Paulo Virgino tornou-se um herói e mártir, porque mesmo sob torturas, não revelou às

tropas federais onde estavam posicionadas as tropas paulistas. Não resistiu as torturas, foi morto, mas graças a sua lealdade os paulistas venceram em Cunha, impedindo o avanço das tropas inimigas sobre a Serra do Mar. O desequilíbrio bélico era desproporcional. Enquanto os revolucionários paulistas tinham uma metralhadora para 50 homens, as tropas enviadas do Rio de Janeiro tinham uma metralhadora para cada três soldados.

### A GUERRA PAULISTA DE 1932

O professor Sólton Boges dos Reis fala que: "o povo paulista deu provas de possuir extraordinários valores sociais, morais e cívicos, entre os quais: Capacidade - lutando só sem a ajuda de outros Estados brasileiros; União - só foi possível a Revolução de 32 porque os paulistas demonstraram, através de homens, mulheres e até crianças de todos os segmentos sociais, a união como em um corpo só para lutarem pela Lei; Idealismo - uma das marcas mais notáveis dos paulistas que não só conservaram nas ideias; Patriotismo - pois o que queriam os paulista não era apenas para São Paulo, mas para o Brasil inteiro. Por isso o governador Pedro de Toledo mandou inscrever no brasão de São Paulo: Pro Brasilia fiant eximia (Tudo pelo Brasil)".

O movimento de 9 de julho foi deformado pela ditadura! O governo provisório de Getúlio Vargas conquistado com a Revolução de 1930, com o objetivo de contar com o concurso de todo o País e assim combater os esforços do povo de São Paulo para a restauração da legalidade e dos princípios sempre vigorantes no Brasil, espalhou por todos os quadrantes que São Paulo aspirava separar-se do Brasil, ideia repelida por todos os brasileiros, quando na realidade as elites paulistas almejavam reaver o domínio político que haviam perdido com a revolução de 1930, não a interferência federal nos estados e a convocação de uma Assembleia Constituinte.

O quadro político que se apresentava na época era um poder centralizado, governo provisório organizado por Getúlio Vargas para fortalecer o Estado, atraindo para esse seu projeto os militares e trabalhadores urbanos, com um discurso nacionalista apelando ao sentimento pátrio e oferecendo aos trabalhadores uma legislação trabalhista paternalista. As oligarquias ressentiram-se, pois, perderam o controle político em seus estados e suas influências a nível nacional. O Congresso Nacional foi fechado por Getúlio Vargas, assim como os legislativos estaduais, municipais e os partidos políticos; os governadores depostos e, colocados em seus lugares, os interventores nomeados por ele, exigindo deles o abandono do liberalismo por um discurso autoritário, como elemento necessário para a formação de um novo modelo político e econômico. Em São Paulo foi nomeado como interventor João Alberto Lins de Barros, tenente promovido a coronel na Revolução de 1930, que mal recebido pela oligarquia paulista foi apelidado de "O Forasteiro".

No dia 23 de maio de 1932, eclodiram na Capital paulista manifestações contra Getúlio Vargas em clima de revolta e violências, quando um grupo de trabalhadores e estudantes fazia manifestações próximo a Praça da República, soldados governistas abriram fogo e mataram os jovens Mário Martins de Almeida, Euclides Miragaia, Dráuzio Marcondes de Souza e Antonio Camargo de Andrade. Também o estudante Orlando de Oliveira Alvarenga foi ferido vindo a morrer depois no hospital. A repercussão do ocorrido fez com que exaltasse o sentimento pátrio, brotando nos corações paulistas o ideal de liberdade e peitos se abriram para a luta.

### SÃO PAULO PERDE DE CABEÇA ERGUIDA

A vitória já soava inviável e mais nada adiantaria a carnificina dos jovens e dos valentes combatentes paulistas. Flores da Cunha havia impedido a vinda das tropas do Rio Grande do Sul. O general Bertoldo Klingler veio do Mato Grosso sem as armas e as tropas que prometera. Minas Gerais ficou de fora e as munições que mandou para as tropas



paulistas não detonavam. Ficaram famosos os aparelhos chamados "matracas" que emitiam som de tiros de metralhadora para intimidar os inimigos. São Paulo lutava sozinho sob a égide da traição. O comandante geral da Força Pública do Estado de São Paulo, coronel Herculano Silva, fez a rendição das tropas paulistas em troca do compromisso de as tropas federais não penetrarem no município de São Paulo, o que foi para os demais comandantes militares como Klinger, Isidoro e Euclides Figueiredo, um ato imperdoável de alta traição. A Revolução Constitucionalista de 32, durante quase três meses, 9 de julho a 2 de outubro (87 dias) envolveu 135 mil brasileiros, dos quais cerca de 40 mil combatentes paulistas, a grande maioria voluntários civis. Dados oficiais estimam que 934 paulistas deixaram suas vidas em defesa de seus ideais libertários. Cerca de 200 soldados das tropas federais morreram em combate. Seus principais líderes foram presos e deportados,

Julio de Mesquita Filho e mais 75 companheiros embarcaram para o ostracismo a bordo do navio português Pedro I, conscientes do dever cumprido, pois, a derrota militar de São Paulo foi compensada pela vitória política quando da convocação da assembleia para os trabalhos da nova Magna Carta no dia 3 de novembro de 1933.

Mas, o tempo passou tudo mudou desde então, quando o homem tinha o bom senso de viver em sociedade cômico do papel que representava, como aqueles heróis que lutaram e deram suas vidas para fazer uma pátria melhor para seus compatriotas e, deixam para a história, seu famoso dístico de protesto do revolucionário paulista de 32: "Não esquecemos; Não transigimos; Não perdoamos".

Extraído do site <http://www.correiopaulistano.com.br>

Tomou posse dia 02/07 último, como Governador do Rotary Club distrito 4560 área 8, Ano Rotário 2022.2023 nosso conterrâneo Sr. Fernando Caputo e como Coordenadora das ASR's a Sr<sup>a</sup> Helenice Silva Demartin Caputo.

O evento ocorreu na sede do Clube "Espaço E Festa" sito à Rod. LMG 839 (ST-RC), local Rio Sujo, com presença de altas autoridades, civis, militares e públicas.

Nossos expressos cumprimentos ao nobre casal Sr. Fernando e Sr<sup>a</sup> Helenice, votos de profícuo mandato à frente da casa e da causa Rotariana em nossa região/ distrito rotário.



## ANIMAIS OBSERVADOS

### GATO MOURISCO

FOTO: SEDURBS/DIVULGAÇÃO



Gato mourisco ou jaguarundi ou maracajá preto. Felino com corpo alongado, pernas curtas, cabeça pequena, achatada, aparência de mustelídeo (lontra).

Encontrado em várias partes das Américas, apresenta três pelagens diferentes: preta, em região de matas; e cinza ou vermelho em áreas mais abertas como cerrado e Pantanal.

*Herpailurus Yaguarundi* (Lacepede 1809).

O nome jaguarundi vem do tupi guarani “iauara undi” (gato-almiscarado).

Animal observado em nosso meio ultimamente na região do Tatu e zona urbana.

Felino selvagem que chega a atingir 80 cm de corpo e 50 cm de cauda, peso variável entre 4 e 9 quilos, pernas curtas em relação ao corpo, orelhas diminutas, arredondadas, nariz chato, olhos muito próximos um do outro, voltados para frente, o que não é muito comum entre felinos, confundido por vezes com lontra ou ariranha.

Reprodução da espécie é anual, com gestação em torno a 70 dias, ninhada de 1 a 4 filhotes, por vezes de diferentes colorações.

De hábito solitário, atividade geralmente diurna. Ataca agilmente as presas com as patas dianteiras tendo excepcional habilidade para subir em árvores movendo-se ainda com extrema rapidez no solo e na água.

Sua dieta inclui anfíbios, répteis, roedores, aves chegando a atacar galinheiros, foram já vistos se alimentando também de frutas, como figos, abacate etc.

## Gaturamos e araras vistos na região em particular na povoação do Córrego Fundo – junho/2022

### I - Arara-canindé

**A ARARA-CANINDÉ É UMA AVE PSITTACIFORME DA FAMÍLIA PSITTACIDAE.**

Conhecida também como arara-de-barriga-amarela, arara-azul (Amazônia), canindé, arara-amarela e ara-arauna. É um dos psitacídeos mais espertos.

Não é considerada como sendo ameaçada, embora seja apreciada como ave de gaiola. Suas populações estão diminuindo e algumas delas já estão extintas. Em Trinidad foi realizado um processo de reintrodução bem sucedido.

#### Nome Científico

Seu nome científico significa: do (tupi) ara = nome indígena tupi para designar várias espécies de papagaio; e do (tupi) ara = papagaio; e una = preto, escuro. Papagaio escuro.

#### Características

Mede cerca de 80 centímetros de comprimento. Grande e de cauda longa. Inconfundível e vistosa coloração azul ultramarino no dorso, e amarelo-dourado na parte inferior desde a face, ventre até o rabo, garganta com linha negra e área nua na cabeça com linha de penas negras. Os jovens têm as asas e o rabo café-acinzentado e os olhos pardos.

#### Subespécies

Não possui subespécies.

#### Indivíduo com plumagem lutina

O que é lutinismo?

Lutinismo é a ausência total da melanina, porém presença de pigmentos vermelhos ou amarelos. Portanto a ave apresenta-se geralmente amarela, além de possuir olhos vermelhos. No caso das araras, o pigmento que se apresenta na falta das melaninas são as psitacofulvinas, ou psitacinas, que só ocorrem nos psitacídeos.



#### Alimentação

Migra em certas épocas do ano, em busca de alimento. Desloca-se a grandes distâncias durante o dia, entre os locais de descanso e de alimentação. Alimenta-se basicamente de sementes, frutas e nozes.

#### Reprodução

Nidificam entre dezembro e maio em buracos no tronco de grandes palmeiras mortas, entre 10 e 25 metros de altura, pondo 2 ovos, que são incubados por 24-26 dias.

#### Hábitos

É localmente comum na copa de florestas de galeria, várzeas com palmeiras (buritizais, babaçuais, etc.), interior e bordas de florestas altas, a cerca de 500 m de altitude. Vive em pares ou em grupos de 3 indivíduos, combinação mantida também quando formam-se bandos maiores de até 30 indivíduos. É na atualidade um dos psitacídeos

de grande porte mais notável no ambiente urbano, um fenômeno conhecido como “araras urbanas”.

### Distribuição Geográfica

Desde a Amazônia até o Paraná, sendo que antigamente chegava até Santa Catarina. Encontrada também no leste do Panamá e norte da Colômbia, Venezuela, Guianas, Perú, Bolívia, até o norte de Argentina e Paraguai e no oeste do Equador.

## II - GATURAMOS, FIM FIM E CAIS CAIS

### SAIBA COMO DIFERENCIAR O GATURAMO-VERDADEIRO DO FIM-FIM E CAIS-CAIS

*As três espécies da família Fringillidae se assemelham pela plumagem amarela e azul, mas apresentam diferenças.*

*Por Ananda Porto, Terra da Gente*

Que ave possui as penas em amarelo e azul? Nesse jogo de adivinhação com certeza alguns nomes seriam citados, como: gaturamo-verdadeiro (*Euphonia violacea*), fim-fim (*Euphonia chlorotica*), e cais-cais (*Euphonia chalybea*). Essas três espécies se encaixam na citação e são muito semelhantes. Não à toa são frequentemente confundidas pelos admiradores da natureza. Mas, apesar de apresentarem características parecidas, as três aves, que pertencem à

FOTO: ANANDA PORTO/ TG



*Gaturamo-verdadeiro se difere das outras espécies por não ter penas azuladas na região da garganta*

família Fringillidae, se diferem por pequenos detalhes, como canto, tamanho e distribuição.

Tratando-se da aparência, o gaturamo-verdadeiro se diferencia imediatamente entre as três, pois não apresenta penas azuladas na região da garganta e pescoço; características comuns nos outros dois parentes.

Mas como identificar se a ave azul e amarela é um cais-cais ou um fim-fim? As principais diferenças entre essas duas aves estão no tamanho e na área de ocorrência.

O fim-fim mede em torno de 9,5 centímetros, enquanto o cais-cais é maior, medindo 12,5 centímetros. Essa diferença, portanto, é quase imperceptível. No entanto, se você reparar com atenção, se dará conta que no cais-cais a mancha amarela na frente, região acima do bico, não se estende depois dos olhos, enquanto no fim-fim a mancha é mais extensa e geralmente ultrapassa a linha dos olhos. Outra diferença é que a mancha azul da garganta do cais-cais está restrita apenas a uma pequena área logo abaixo do bico. Já no fim-fim

FOTO: FOTOS: FRANCISCO FALCON E NORTON SANTOS / ARTE TG



*Fim-fim e cais-cais são muito parecidos, porém apresentam diferenças*

a mancha desce até quase o peito.

Uma pista que pode ajudar a identificar as duas espécies é considerar a área em que você a observou. Isto porque o fim-fim, que se distribui por todo o País, habita áreas de matas baixas e ralas de Cerrado, Caatinga, Cocais e matas serranas, enquanto o cais-cais vive só na região Sul e Sudeste do Brasil e prefere viver na copa das árvores, em regiões de montanha.

Outra forma de identificar essas três espécies é ouvindo o canto de cada uma delas. O gaturamo-verdadeiro tem um canto rápido e persistente, com habilidade ainda de imitar outras aves. Já o fim-fim parece soar o próprio nome quando canta, tendo um canto mais lento e parecido com o de um pintassilgo. E o cais-cais tem um canto monótono e que parecem soar também o nome popular.

FOTO: RUDIMAR NARCISO CIPRIANI



*Fim-fim pode ser encontrado em todo o Brasil*

## FORA DO AR

Norbert Wiener (1894-1964) foi um dos mais brilhantes matemáticos do século XX, pioneiro na área dos processos aleatórios e da cibernética. Famoso também por ser “desligado”, esquecendo-se de quase tudo ao seu redor.

Quando ele e família se mudaram para uma nova casa, sua esposa anotou o endereço em um papel, entregando-o ao marido. Wiener pilheriou: - Não seja tola, como vou esquecer de algo tão importante como o endereço de nossa casa?! De qualquer forma, o sábio guardou o pedaço de papel no bolso do paletó.

Mais tarde, naquele mesmo dia, imerso em um complexo

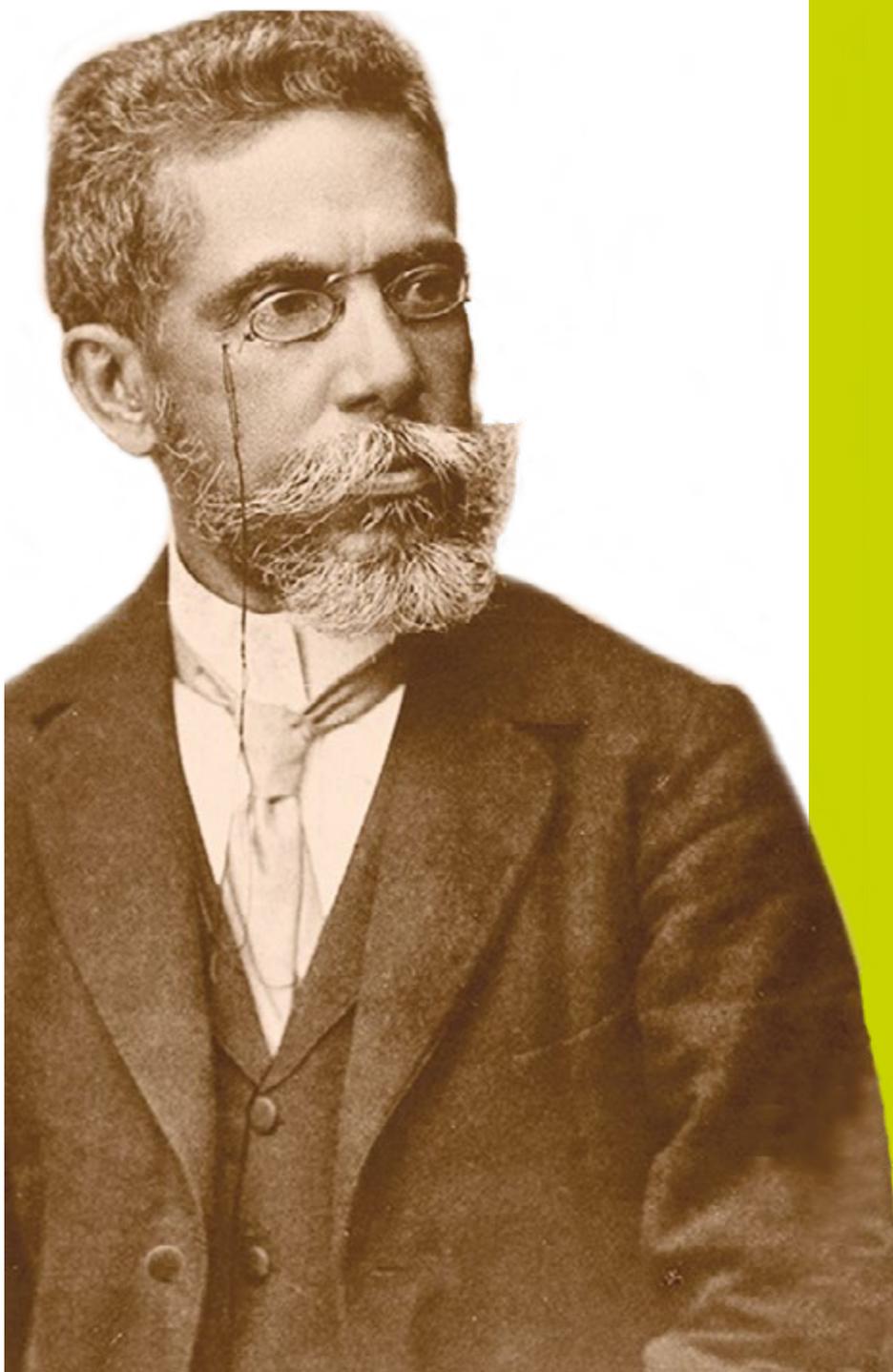
problema matemático, precisando de um papel para desenvolver as equações que lhe fluíam da mente, retirou do bolso o papel onde se achava anotado o novo endereço, enchendo-o de cálculos. Terminados estes, resolvidas as equações, amassou o papel, lançando-o fora.

Chegada a noite, hora de retorno ao lar, lembrou-se um tanto quanto vagamente de sua nova residência. Buscou nos bolsos o papel que continha o endereço. Inutilmente. Sem outra solução, retornou à sua antiga residência, encontrando uma menina sentada na entrada, julgando-a ser uma criança da redondeza.

- Desculpe, querida, mas você sabe, por acaso, para onde se mudou a família Wiener?!

- Está tudo bem, papai. Mamãe mandou-me aqui para buscá-lo...

## MACHADO DE ASSIS E A ATRIZ FAMOSA



Machado de Assis, o genial romancista brasileiro, teve uma infância pobre, senão miserável, nascendo no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro em 1839. Além dos estigmas da pobreza e da cor, pois era mulato – havendo imensos preconceitos à época, por parte da sociedade aristocrática - Machado de Assis era epilético e gago, martirizando-lhe ainda mais, a vida de criança.

Lutou bravamente para ascender na escala social e cultural de seu tempo, tendo exercido atividades braçais e ambulantes, como vendedor de balas e quitandas, sacristão, aprendiz de tipógrafo, caixeiro, acabando por elevar-se intelectual e profissionalmente, exercendo funções como jornalista, funcionário público de alta patente, culminando sua vitoriosa carreira como o maior escritor brasileiro e presidente da Academia Brasileira de Letras.

Marcado pelos traumas e misérias da infância, Machado de Assis detestava temas como pobreza, mulato, epilepsia e muito menos referências à sua gagueira. Consta que, apresentado, certo dia, à famosa atriz da época Ismênia dos Santos e com ela entabulado amplo diálogo, Machado de Assis utilizou-se de sua vasta erudição, expressando-se de forma fluente e espirituosa, com total naturalidade, levando a atriz, inabilmente, a exclamar: - Ora veja, Sr. Machado de Assis, tinham-me dito que o senhor era muito gago; no entanto, vejo que fala e se expressa muito bem...

Machado descontrolou-se, então e passou a gaguejar, como de fato fazia em situação de nervosismo e rispidamente, revidou:

- Calúnias, minha senhora, calúnias. A mim também me disseram de que a senhora era muito estúpida e vejo que não é tanto assim...

Outra versão diz que Machado contrapôs-se à inabilidade da célebre atriz com o seguinte contexto: A mim também disseram que a senhora era uma pessoa muito educada e vejo que não é tanto assim...

## AGORA SÓ DEUS

Emmanuel Kant, (1724-1804), o célebre filósofo alemão, possuía uma caligrafia irregular e uma letra ilegível. Contratou, certa época, um jovem para copiar os apontamentos, transcrevendo-os para um caderno. Passados alguns dias, o moço, com os manuscritos aboletados sob o braço, procurou Kant. Desejava esclarecimentos quanto a uma frase que não conseguira, de forma alguma, decifrar.

Kant olhou, por várias vezes, o papel, retornando-o ao jovem.  
 - Meu amigo, quando escrevi isso somente Deus e eu éramos capazes de compreender isso. Agora, somente Deus pode fazê-lo...



## IDENTIFICAÇÃO DO SER

“Participar da batalha, mas não ser guerreiro” (Aforisma oriental)

Identifica-se cada ser, essencialmente, pela sua espiritualidade, pelo desapego às formas ilusórias e grosseiras da materialidade, pela libertação e isenção aos ditames político-partidários, aos exclusivismos religiosos e filosóficos. Pessoas que cultivam o sectarismo, o negacionismo, o proselitismo, o separatismo destoam dos preceitos divinos da confraternização e cidadania universal. Da mesma forma, aquelas egocêntricas, eivadas de cupidez, cobiça e astúcia, ávidas de privilégios públicos e escusos negócios, apegadas a interesses partidários, a credos rigidamente sentenciosos, a condutas exclusivistas e dissimuladas, porquanto divergem dos princípios maiores da harmonia, tolerância e fraternidade.

Pesadíssima responsabilidade recai sobre líderes e instrutores – sejam religiosos, filosóficos, políticos – ao traçarem fronteiras de credo, de nação, de ideologias, apegados a radicalismos, convencionalismos incongruentes com a lei de amor e solidariedade divina. Sectarismos, personalismos, partidarismos, nacionalismos xenófobos, sensualismos imoderados são incondizentes aos propósitos de evolução e ascensão espiritual. Para “subir” é indispensável libertarmo-nos de preconceitos, caprichos, dogmatismos e ademais do orgulho, vaidade, cobiça, avareza, glotoneria. A cobiça, a insânia por cargos e privilégios públicos, a obsessão pelos primeiros lugares é própria de entes personalistas, exclusivistas, rudimentares, não se coadunando com os interesses coletivos que exigem de seus gestores a honestidade, o altruísmo, o despojamento, a dedicação plena.

## A FORÇA COLETIVA

A obra “Você pode fazer a diferença” autoria de Stacey Abrams, parlamentar e ativista norte-americana, nos conduz a novas reflexões, intersecções e reposicionamentos sociais. A força dos chamados outsiders – empreendedores, lideranças comunitárias, ativistas de direitos sociais, artistas – em suma, vozes plurais, cujos processos de representatividade e mobilidade incrementam o progresso coletivo, o empoderamento social dos grupos sub-representados e vulneráveis.

Segundo a autora, é fundamental nomearmos/mapearmos nossos obstáculos, para que possamos abrir caminhos, definir soluções, rejeitar o fatalismo, o comodismo. Se aceitarmos a inevitabilidade, acreditamos que “recebemos o que merecemos” ou de que somos incapazes ou inferiores. Daí o combate aos preconceitos de raça, gênero, etariedade; o incorporar todas as identidades, vivências, habilidades, olhares, modos de fazer e agir, mentorias situacionais, enfim o script de novos atores e cenários includentes – não apenas a predominância de grupos dominantes, que nos mantém, há gerações, na insegurança, no atraso, na frustração.

O trabalhar e repensar, igualmente, a língua das finanças, do empreendedorismo, do planejamento econômico, libertando-nos da dependência, da repressão, da pobreza.

“Quando me atrevo a ser poderosa, a usar minha força, o medo que sinto se torna cada vez menos importante”. (Audre Lorde)



# 1872-2022: 150 ANOS DA INCORPORAÇÃO DO DISTRITO DE SÃO TIAGO AO MUNICÍPIO DE BOM SUCESSO

O atual município de São Tiago pertenceu administrativamente, em seus primórdios, a São José Del-Rei, sendo incorporado, posteriormente, ao município de Bom Sucesso (1872). Tal situação distrital perduraria até 1948, quando São Tiago obteve sua emancipação político-administrativa nos termos da Lei n. 336 de 27-12-1948.

O distrito de São Tiago foi elevado à condição de freguesia (paróquia) pela lei mineira n. 727 de 16-05-1855.

Alguns registros a respeito:

- “A 15 de julho de 1872, pela lei mineira n. 1883, São Tiago, desmembrado do município de São João Del-Rei e São João Batista (atual Morro do Ferro) do de Oliveira, foram unidos a Bom Sucesso, constituindo-se assim esse município que, pelo disposto no artigo 2º dessa lei, ficou pertencendo judiciariamente à Comarca do Rio das Mortes, o que se verificou até 7 de janeiro de 1891, data em que o decreto 314 desse dia, criou a de Bom Sucesso” (Augusto das Chagas Viegas – “Notícia Histórica do Município de São Tiago”, Imprensa Oficial, 1972, p. 10).

- “São Tiago – Adoção do nome 1802.

Criação do distrito Lei n.727 de 16 de maio de 1855.

Emancipação do município 1948 – Lei 336 de 27 de dezembro de 1948.

Distrito subordinado Mercês de Água Limpa.

Adjetivo pátrio sãotiaguense”.

(“As denominações urbanas de Minas Gerais – Cidades e vilas mineiras com estudo toponímico e da categoria administrativa” IGA/ALEMG, Belo Horizonte, 1993).

- No site <https://bomsucesso.mg.gov.br/historia-e-dados> da Prefeitura Municipal de Bom Sucesso, acesso em 19-05-2022, lê-se:

“Vila e município de Bom Sucesso criados por lei provincial n. 1883 de 15 de julho de 1872, art. 1º, desmembrado do município de São João Del-Rei, composto dos distritos de S. João Batista do município de Oliveira e S. Tiago do município de S. José Del-Rei (mais tarde Tiradentes). Instalado em 30 de dezembro de 1872”.

A historiadora Maria de Fátima Dutra Ávila Carvalho registra que “a vila de São Tiago desmembrada de Ti-



radentes (1832)” durante a vigência da Regência Trina Permanente (1831 a 1835) composta pelos regentes Deputados José da Costa Carvalho e João Bráulio Muniz e o Brigadeiro Francisco de Lima e Silva (In “Comarca do Rio das Mortes em Minas Gerais – Expansão urbana nos séculos XVIII e XIX”, Belo Horizonte, UFMG, 2015, pp. 198 e 205). A citada autora aponta: “1855 – A Lei mineira 727 de 16 de maio de 1855 foi criada a paróquia de São Tiago (pertencente a São José Del-Rei, atual Tiradentes” op. cit. p. 274).

## 150 ANOS DA INCORPORAÇÃO DO DISTRITO DE SÃO TIAGO A BOM SUCESSO

Por meio da Lei Provincial de 15/07/1872, Bom Sucesso foi desmembrado de São João del-Rei sendo elevado à categoria de vila<sup>1</sup> e município. “Lei que cria o município de Bom Sucesso e contém outras disposições a respeito. O Doutor Joaquim Floriano Godoy, presidente da província de Minas Gerais, faz saber a todos os seus habitantes que a Assembléa Legislativa de Minas Gerais decretou e sancionou a seguinte lei:

1 Sede do termo, localização central da ligação política e administrativa, possuía autonomia equivalente a de município. Em todas as vilas existiam câmara, cadeia, pelourinho e outras benfeitorias para dirigir as povoações e distritos. Por não serem emancipadas devido à organização da colônia não recebia o título de município, mas as vilas tinham a mesma equivalência.

Artigo 1º - Fica criado o município de Bom Sucesso cuja sede será a da paróquia desse nome, o qual se comporá além daquela paróquia pertencente ao município de São João Del-Rei, a de São João Batista do município de Oliveira e a de São Tiago do município de São José Del-Rei.

Artigo 2º - O novo município pertencerá à Comarca do Rio das Mortes, enquanto não se der outra organização as comarcas da província.

Artigo 3º - Haverá naquele município todos os ofícios de justiça criados por lei sendo, porém reunidos para o fim de serem exercidos por um só serventuário os de 1º e 2º tabeliões.

Artigo 4º - O novo município será instalado logo que seus habitantes apresentarem edifícios para casa da comarca e cadeia.

Artigo 5º - Revogam-se as disposições em contrário.

Dada e passada no Palácio da Presidência da Província de Minas Gerais aos 15 dias do mês de Julho de 1872. Dr. Joaquim Floriano Godoy, José Orozimbo de Oliveira Jacques, a fez.”

A instalação se deu aos 30 de dezembro de 1872. A partir da referida lei, São Tiago depois de pertencer a vários anos a vila São José del-Rei (Tiradentes), passou integrar a Bom Sucesso como distrito dependendo da organização política e administrativa.

No ano seguinte por meio da Lei Provincial nº. 2.002, de 15 de novembro de 1873 Bom Sucesso foi elevado à categoria de cidade.

Anos depois o Decreto Nº. 3.111, de 07 de janeiro de 1891 criou a Comarca de Bom Sucesso. “O Doutor Governador do Estado de Minas Gerais, usando da atribuição conferida pelo § 1º do artigo 2º do decreto de 20 de novembro de 1889, decreta: Artigo 1º - Fica criada a comarca de Bom Sucesso composta do município deste nome, desmembrado da do Rio das Mortes (...). Palácio do Governo em Ouro Preto, 07 de janeiro de 1891. Chrispim Jacques Bias Fortes.”

Pela Lei Mineira nº. 02, de 14 de setembro de 1891 os distritos de São João Batista (Morro do Ferro), São Tiago e Santo Antônio do Amparo, além de pertencer como municípios também foram anexados a circunscrição judiciária de Bom Sucesso. A Comarca foi instalada em 09/04/1892.

Por muitos anos São Tiago pertenceu a Bom Sucesso como distrito até a publicação da Lei nº. 336, de 27/12/1948 que o elevou à categoria de município.

Em fevereiro de 2001, registra-se a transferência do município de São Tiago para a Comarca de São João del-Rei. A nova determinação veio da Lei Complementar nº. 59, de 18/01/2001 que passou a vigorar em 19/02/2001. O documento foi assinado pelo desembargador Dr. Sérgio Léllis Santiago, na época, presidente do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, através da Resolução nº. 375 de 23/08/2001.

*Marcus Santiago*  
Membro do IHGST

## Nossa História

Nossa região, onde hoje se localiza o Município, foi primitivamente habitada por índios da tribo Cataguases. Por volta de 1736, passou pelo local D. Antônio Luiz de Távora, Conde de Sazerdas, viajando com sua comitiva em direção à Goiás, quando teve de acomodar-se à margem direita do Rio Pirapetinga devido a um forte temporal, lá ficando por alguns dias. Sua esposa, que estava grávida e fazia parte da comitiva, estava prestes a ter o filho. O Conde fez então uma promessa que, se o parto corresse por bem, construiria uma capela e mandaria trazer de Portugal uma imagem de Nossa Senhora do Bom Sucesso. Em cumprimento à promessa feita, mandou o Conde que se erguesse a capela, mandando vir na mesma época, a imagem da santa. Em torno da capela, formou-se um pequeno povoado, que passou a chamar-se Campanha de Trás da Serra de Ibituruna do Rio Grande Pequeno.

Em torno da capela, formou-se um pequeno povoado, que passou a chamar-se Campanha de Trás da

Serra de Ibituruna do Rio Grande Pequeno.

No período de 1815 a 1822, o povoado progrediu sensivelmente, aumentando a população e baseando sua economia na lavoura e no comércio, já contando nesta época com várias escolas. Em 1883, foi elevado a município e em 1887, recebeu um prolongamento da Estrada de Ferro Oeste de Minas, trazendo novo progresso ao município.

O topônimo originou-se de homenagem à padroeira do município, Nossa Senhora do Bom Sucesso.

### FORMAÇÃO ADMINISTRATIVA:

Vila e Município de Bom Sucesso criados por Lei Provincial nº 1883, de 15 de julho de 1872 – art. 1º, desmembrado do Município de S. João del Rei, composto dos Distritos de S. João Batista, do Município de Oliveira e S. Tiago, do Município de S. José del Rei (mais tarde Tiradentes). Instalada em 30 de dezembro do ano de 1872.



### Cidade por Lei provincial nº 2002, de 15 de novembro de 1873.

Em divisão administrativa referente a 1911, o Município de Bom Sucesso se compõe de 4 Distritos: Bom Sucesso, criado por res. de 4 de dezembro de 1824 e por Lei Estadual nº 2, de 14 de setembro de 1891; S. Tiago, Santo Antônio do Amparo e S. João Batista. Nos quadros de apuração do Recenseamento Geral de 1-IX-1920, o Município de Bom Sucesso figura com os mesmos distritos citados na divisão de 1911.

Por Lei estadual nº 843, de 7 de setembro de 1923, o Município de Bom Sucesso sofreu as seguintes modificações: perdeu o Distrito de S. João Batista, transferido para o Município de Oliveira; adquiriu o Distrito de S. Gonçalo do Ibituruna, desmembrado do Município de S. João del Rei e o distrito da sede perdeu território que constituiu o Distrito de Macaia, no mesmo Município de Bom Sucesso. Por efeito da citada Lei nº 843, o Município de Bom Sucesso ficou composto dos Distritos de Bom Sucesso, Santo Antônio do Amparo, Ibituruna (antigo S. Gonçalo do Ibituruna), S. Tiago e Macaia.

Em divisão administrativa referenda ao ano de 1933,

o Município de Bom Sucesso se compõe de 5 Distritos: Bom Sucesso, Ibituruna, Macaia, Santo Antônio do Amparo e S. Tiago.

Em divisões territoriais datadas de 31-XI-1936 e 31-XII-1937, bem como no quadro anexo ao Decreto-Lei Estadual nº 88, de 30 de março de 1938, o Município de Bom Sucesso compreende o único termo judiciário da comarca de Bom Sucesso e permanece com 5 Distritos: Bom Sucesso, Santo Antônio do Amparo, Ibituruna, Macaia e S. Tiago. Pelo Decreto Estadual nº 148, de 17 de dezembro de 1938, o Município de Bom Sucesso perdeu o Distrito de Santo Antônio do Amparo para o novo Município de Santo Antônio do Amparo. Em 1939-1943, o Município de Bom Sucesso é composto dos Distritos de Bom Sucesso, Ibituruna, Macaia e S. Tiago – e é termo da comarca de Bom Sucesso, formada de 1 único termo, Bom Sucesso.

Em virtude do Decreto-Lei Estadual nº 1058, de 31 de dezembro de 1943, que fixou o quadro territorial



para vigorar no quinquênio 1944-1948, o Município de Bom Sucesso ficou composto dos Distritos de Bom Sucesso, Ibituruna, Macaia e S. Tiago, e constitui o único termo judiciário da comarca de Bom Sucesso, termo este formado pelos Municípios de Bom Sucesso e Santo Antônio do Amparo. Aparece no quadro fixado pela Lei nº 336, de 27-XII-1948 para vigorar em 1949-1953, composto dos Distritos de Bom Sucesso, Ibituruna e Macaia, menos S. Tiago.

Elevado à categoria de município pela mesma Lei. Permanecem com os Distritos de Bom Sucesso, Ibituruna e Macaia no quadro fixado pela Lei nº 1039, de 12-XII-1953 para o período de 1954-1958.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1960.

**Gentílico:** Bom-sucesense.





## ANIMAIS E SEUS PODERES SIMBÓLICOS

“O justo importa-se com a alma de seu animal doméstico, mas as misericórdias dos iníquos são cruéis” Pv 12:10.

Os animais, desde os tempos mais remotos, são instrumentos e contribuintes, junto aos homens, para a evolução do mundo. Muitíssimo contribuíram – e contribuem – para a subsistência e progresso civilizatórios. Jesus sempre teve o mais extremado carinho para com os animais, marcando suas ações de forma resoluta, expulsando do templo os vendilhões de animais destinados a sacrifícios e consumo, instituindo o batismo no lugar dos sacrifícios. São Francisco de Assis e São Felipe Néri eram, igualmente, amorosíssimos para com todos os animais.

Os animais, segundo a cultura xamânica, podem influenciar a vida humana, muitas vezes servindo-nos de referência, força, foco, determinação, arquétipo. Desde a antiguidade, muitas civilizações tinham alguns animais como seres divinos ou votivos. Egípcios, cultuavam gatos, crocodilos e ainda hoje muitos animais como a vaca são venerados na Índia. A Bíblia, os contos de fadas são lastreados por riquíssima simbologia animal.

O xamanismo tem como práticas religiosas o reencontro com a natureza, seus ensinamentos, incluindo os animais, por esta-

rem próximos e conectados à natureza, vistos como símbolos de proteção, inteligência, humildade, lealdade, resiliência, inovação, mudança, fortaleza. E dessa forma utilizados como exemplos e modelos para os desafios da vida humana.

A Bíblia recomenda que observemos a forma de trabalhar das formigas, tendo-as como inspiração contra a preguiça (Pv 6:6/30:25).<sup>(1)</sup> Menciona ademais a prudência da serpente, a simplicidade das pombas, a capacidade de voos altos e de renovação das águias. Terapias com a assistência de animais<sup>(2)</sup> são hoje valiosos instrumentos utilizados no tratamento e suporte a pessoas acamadas, hospitalizadas, indivíduos com enfermidades psíquicas, crianças e idosos com necessidades e deficiências específicas – físicas, mentais, intelectivas, cognitivo-comportamentais e afins, porquanto facilitam a expressão das emoções, da sensibilidade, da motricidade etc.

Inúmeros, pois, os animais que nos servem de referência: baleia, beija-flor, aranha, abelha, coruja, cobra, borboleta.

“Todos os animais são fruto da ação criativa do Espírito Santo e merecem respeito, pois se acham tão próximos de Deus como estão os homens” S. João Paulo II, em visita a Assis.

### NOTAS:

(1) Várias passagens bíblicas fazem referência a animais. Alguns exemplos: Abelha (Dt 1:44 / Jz 14:8 / SL 188:12 / Is 7:18); Formiga (Pv 6:6 / Pv 30:25) / Pomba (Is 5:14 / Is 10:12 / Mt 3:16 / Mt 10:16 / Jo 2:16 / Gn 8:8 / Rs 6:25); Cobra (Ex 4,3 / Nm 21:9 / Pv 23:22 / Is 11:8 / Is 59:5)

(2) Uma das terapias mais utilizadas é a equinoterapia mormente para crianças portadoras de síndromes como autismo, TDAH

# OS CAMINHOS REAIS DO OURO E ESTRATÉGIAS DE APROPRIAÇÃO TERRITORIAL DE SUAS ROTAS

A fim de se apropriar – e tirar vantagens – do território do Caminho Real do Ouro (ligação da Capitania das Minas Gerais ao Rio de Janeiro), bem como dos demais caminhos ou estradas reais, abertos pela administração colonial, as elites luso-brasileiras utilizavam-se de inúmeras estratégias econômico-patrimoniais, dentre elas a concessão de sesmarias e sua exploração comercial. - uma das formas, ao lado do fortalecimento do poder metropolitano, de se tirar o máximo proveito possível da circulação obrigatória de pessoas e mercadorias ao longo de todo o percurso das citadas estradas. A produção da mineração aurífera, seu escoamento, permitiam às sesmarias o trânsito, abastecimento e comercialização de alimentos aos viajantes, cobranças de passagens (registros), aluguel de ranchos, pousos e pastagens e outras benesses<sup>(1)</sup>. A exploração de caminhos reais, mediante a apropriação do território (sesmarias, núcleos mineradores e povoadores, datas) uniria, sem dúvida, o interior ao litoral, fortalecendo a cadeia produtiva e abastecedora urbana, expandindo o domínio da Coroa sobre o imenso e quase incógnito território brasileiro.

Somente com a descoberta do ouro no final do século XVII é que os caminhos terrestres, muitos deles seguindo velhas trilhas indígenas ou a tradição bandeirante, adquiriram destaque nas políticas administrativas da Metrópole, visando a ocupação territorial e a exploração das jazidas auríferas. Anteriormente – séculos XVI e XVII – à exceção de algumas entradas<sup>(2)</sup> e incursões malsucedidas, os portugueses praticamente tinham se agarrado ao litoral, desconhecendo a imensidão dos sertões interioranos.

Os primeiros bandeirantes tinham já a noção da importância da implantação de roças para abastecimento das comitivas exploradoras, a exemplo de Fernão Dias, cuja expedição de 1674 fora precedida pelo bandeirante Matias Cardoso com objetivos, dentre outros, de plantio de roças capazes de dar sustentação ao empreendimento desbravador que viria em sequência. Agricultura e mineração estiveram vinculadas ou seja, atividades aparentemente distintas, mas que coexistiram, segundo Ângelo Carrara<sup>(3)</sup> nos sertões (como as curraleiras e fazendas para criação de gado) e na região das minas, a existência de sítios, vários deles às margens dos cursos d'água, ainda que, nos primórdios, com limitada produção de alimentos voltada para o abastecimento dos povoadamentos urbanos.

Os roteiros, utilizados principalmente para se chegar ao interior aurífero, tornaram-se oficialmente “caminhos” ou “estradas reais”, gerando direitos à Metrópole de cobrar os “reais” direitos ou tributos sobre a circulação de pessoas, mercadorias e animais, o que era previsto, desde o século XV, pelas Ordenações Afonsinas. Três desses caminhos se destacariam inicialmente: “O caminho geral do sertão”, o “Caminho de Parati” e o “Caminho da Bahia”, mais conhecidos como “caminhos do ouro”, cujas finalidades eram evitar o descaminho (contrabando e evasão) e manter o efetivo controle territorial por parte da Coroa, surgindo outros a posteriori, como “Caminho Novo”, “Picada de Goiás” etc.

A concessão de sesmarias – geralmente generosas glebas de terra nas proximidades das estradas reais – permitia, via de regra, aos sesmeiros, amplas possibilidades de enriquecimento com a produção de víveres, a circulação de pessoas e mercadorias, porquanto os citados caminhos funcionavam como elemento vital de localização e de formação/ocupação territorial brasileira, o eixo por onde se processava todo o mecanismo de povoamento e de afirmação do domínio colonial<sup>(4)</sup>.

O governador Arthur de Sá Menezes engendraria esforços junto ao Rei, no sentido de abertura de um caminho direto entre o Rio de Janeiro e as Minas Gerais, facilitando as transações comerciais e o controle sobre o ouro produzido inibindo “o extravio por caminhos outros com as dificuldades que se acham os mineiros de todas as vilas e os do Rio de Janeiro de (lá) chegarem”. Obtida a autorização real, o paulista Garcia Rodrigues, que se achava já instalado com roças na região da Borda do Campo, seria incumbido oficialmente da abertura do Caminho em 1699, embora ocorressem resistências por parte dos paulistas, devidamente negociadas e bem conduzidas pelo governador Sá de Menezes<sup>(5)</sup>.

Os sesmeiros assumiram importante papel na consolidação dos caminhos, interessados no lucrativo negócio do abastecimento. Mesmo antes da abertura oficial dos caminhos, sabe-se que várias áreas eram/estavam já ocupadas (como a de Roque de Sousa – 1737, nas adjacências da atual cidade de São Tiago)<sup>(6)</sup>. Assim, em pouco tempo, os caminhos ver-se-iam povoados por fazendas (sesmeiros e posseiros) com a instalação de ran-



chos, estalagens, roças, pousos<sup>(7)</sup>, vendas, povoações que se formavam, no afã de dar apoio aos viajantes e tropeiros que demandavam tais paragens, rumo aos sertões ou litoral. Pelas sesmarias passavam obrigatoriamente as frotas de comerciantes, viajantes, requisitando alimentação para si e os animais, pernoite, além do provisionamento de mercadorias indispensáveis à tropeada como cordas, machados, foices, facões, facas, panelas, selas, arreios, tecidos e quinquilharias em geral. Os sesmeiros, além da produção de gêneros da terra, também produziam aguardente, açúcar (produtos de muito valor nas Minas – daí praticamente toda propriedade dispor de engenhos de cana). Nesses pontos, ao longo dos caminhos – frutos da apropriação de terras por sesmeiros e posseiros – materializar-se-ia igualmente a política fisco-normativa da Coroa com a instalação de registros, postos fiscais, barreiras, marca registrada do colonizador e ainda dos governos nativos, “bons” alunos da mestra Metrópole e incompetentes administradores do próprio País, mesmo após a proclamação da Independência (1822).

As cartas régias e bandos (decretos) emitidos pelas autoridades coloniais exigiam que os sesmeiros conservassem em bom estado de circulação os caminhos que passavam pelas sesmarias, incluindo a construção de pontes, drenagens de águas, aterramento de áreas alagadas, alargamento de vias, o que não era cumprido, de forma proposital, pois quanto piores as condições de trafegabilidade, mais tempo os viajantes ficavam ali arranchados (com gastos maiores com pernoite, alimentação, abastecimento) e os danos causados aos animais, às arreatas, demandando serviços de selaria, forjaria e outros que os sesmeiros mantinham igualmente nos ranchos. Ganhavam de todas as formas...



## NOTAS

(1) Muitas propriedades, ao longo do Caminho Novo, surgiram com a promessa de grandes lucros, seja na fornecimento de gêneros e viveres da terra aos viajantes, seja na cobrança de passagem de rios onde ou mesmo embocadura de montanhas, havia convergência de muita gente. Os proprietários, para tal, edificavam ranchos e pousos para tropeiros e viajantes; vendas e ainda o plantio de roças de abastecimento de tropas.

Os senhores coloniais – “homens bons” – além do comércio, também sabiam se projetar na elite, mediante relações interpessoais de favorecimento nas praças principais da Colônia e assim como no Reino. Muitos estudavam os filhos em Coimbra, a exemplo de Garcia Rodrigues que estudou seu filho Pedro Dias em Coimbra – uma forma de inserir os herdeiros no quadro das altas rodas sociais do poder metropolitano, além de privilégios e a garantia de nomeações aos altos cargos administrativos da Colônia.

(2) Entradas – expedições promovidas pela Coroa com o objetivo de reconhecer e expandir o território, compostas por sertanistas em busca de ouro e aprisionamento de indígenas a serem empregados como mão de obra servil. As expedições fluviais (através do curso dos rios) eram conhecidas como monções. Muitas delas seguiam rotas indígenas milenares. Dentre as primeiras e principais expedições a desbravar os sertões citam-se a chefiada pelo castelhano Francisco Bruza Espinosa que, em 1533, adentrou os sertões da Bahia e Minas (vale do São Francisco, Jequitinhonha, atingindo os rios Verde e Pardo até o mar) Durante ano e meio, Espinosa percorreu 2.310 km, sendo a crônica da expedição redigida pelo Pe. João de Azpilcueta Navarro, membro do grupo. Em 1561, Vasco Rodrigues Caldas, por ordem do governador geral Tomé de Sousa, atingiu a Chapada Diamantina e em 1568, Martim Carvalho, após percorrer 1.300 km chegou a Itacambira. Em 1585, o Cap. Jeronimo Leitão comandou uma entrada contra os carijós, atingindo Paranaguá. Belchior Dias Moreira (1540-1619), bandeirante e aventureiro brasileiro que, à procura do Eldorado, explorou a região de Itabaiana e o atual Estado de Sergipe, alegando ter descoberto imensos tesouros. Seus descendentes, dentre eles o neto Rubério Dias promoveram trapaças junto às autoridades coloniais da época quanto ao local das “minas douradas de Itabaiana”.

Registrem-se as expedições nas primeiras décadas do século XVI (recém descoberta do Brasil): a saída de Cananeia, em 1531, a mando de Martim Afonso, chefiada por Pero Lobo Pinheiro, composta por 80 homens

fortemente armados, à procura das minas do sertão, sendo inteiramente dizimada pelos índios carijós. A primeira expedição, segundo historiadores, foi organizada em 1504, a mando de Américo Vespúcio, saindo de Cabo Frio rumo ao sertão.

(3) In “Agricultura e pecuária na Capitania de Minas Gerais – 1674-1807”, tese para doutoramento em História, UFRJ, Rio de Janeiro, 1997.

(4) Estudos historiográficos comprovam a importância das sesmarias, ao longo dos caminhos reais, permitindo o abastecimento agrícola para viajantes e moradores das áreas rural e urbana, além da articulação de toda a sociedade colonial do centro-sul do País, dedicada à mineração, comércio e serviços. As sesmarias proviam, ademais, a circulação de pessoas e mercadorias entre as capitanias, incluindo o escoamento direto do metal para o Rio de Janeiro e dali para a Metrópole portuguesa. Segundo Rafael Straforini (“No caminho das tropas”, Sorocaba, TCM, 2001), com a definição dos caminhos reais do ouro, houve uma “ocupação simétrica do território”, processo de ocupação marcado pela linearidade ou seja, a equidistância simétrica entre um núcleo e outro (ex. ligação entre a zona aurífera e o porto do Rio de Janeiro, distância de 490 km), com substancial melhoria/agilização no resultado do tempo de uma jornada diária de caminhada (tropeada).

Inúmeros autores tratam do assunto, incluindo a importância das sesmarias e fazendas na produção agrícola e abastecimento dos centros urbanos da época, a exemplo de Mafalda Zemella (1951), A. Ellis (1958) e mais recentemente Hilário Franco (1974), Singer (1977), Fragoso e Florentino (1988), Angelo Carrara (1997), Chaves (1999), Luciano Rodrigues (2002) Resgatam eles a importância da agricultura e da produção de gêneros da terra, em especial nas Minas Gerais, aqui estabelecida desde a chegada dos primeiros mineiros, em fins do século XVII.

(5) Assim o Rio de Janeiro, com o Caminho Novo, se ligaria diretamente ao interior aurífero e que praticamente, a partir de 1710, se tornaria o caminho oficial. Surgiria uma variante desse caminho pelo rio Inhomirim, a pedido de Bernardo Coimbra, contornando trechos íngremes da Serra do Mar, encontrando-se com o caminho original nas margens do rio Paraíba (atual Encruzilhada) em terras de propriedade de Garcia Rodrigues. Ambos os trechos continuariam operando com os problemas comuns às contingências da natureza – erosões, más condições de trafegabilidade etc Em 1749, Caetano da Costa Matoso, em seus relatos de jornada às Minas Gerais, informava que o caminho aberto por Garcia Rodrigues tinha condições “mais ásperas” e, em termos de circulação ou movimentação, “pouco frequentado”.

Garcia Rodrigues conseguiria, em regime especial, largas vantagens da Coroa, como a concessão de sesmarias para si e todos os seus 12 filhos – imensas áreas que iam das margens do Rio Paraíba do Sul até a serra da Mantiqueira, na Borda do Campo. Para esse feito, alegara, não só a condição de leal vassalo, mas o objetivo da construção de uma vila onde pudesse exercer a condição de capitão donatário. Laura de Mello e Souza informa-nos que Garcia Rodrigues conseguira terras ao longo do Caminho Novo para vários aparentados como sogro, cunhados. “Esta constelação é um exemplo das redes de famílias extensas típicas dos tempos antigos e que, no caso, tinham por coluna dorsal o Caminho Novo das Gerais” (“Os Caminhos da memória: paulistas no Códice Costa Matoso” Revista Vária História, Belo Horizonte, n. 21, julho 1999, pp. 387/388).

Muitos sesmeiros valiam-se de expedientes escusos ou capciosos para ampliarem seus domínios, expulsando posseiros através da grilagem de terras, de delações forjadas às autoridades, quando não, por vezes, pela violência nua e crua. As cartas de sesmarias eram imprecisas quanto a delimitação/demarcção dos lotes, levando sesmeiros a demandarem, ou seja, avançarem sobre terras já ocupadas por posseiros, geralmente pequenos roceiros e trabalhadores livres, daí conflitos e tragédias. Ouvidores gerais e representantes diretos da Coroa, como Costa Matoso, embora vissem e soubessem plenamente da situação, nada faziam, via de regra, omitindo referências a tais posseiros em seus relatórios, porquanto era algo proibido e invisível pela Coroa. Tal fato validava a existência de grandes sesmarias e os instrumentos de apropriação territorial aplicados por esses homens poderosos e senhoriais.

(6) Sobre a sesmaria de Roque de Souza ver matéria em nosso boletim n CXIV - março/2017 e ainda no boletim nCXV - abril/2017 (tema sesmarias na Paragem do Rio do Peixe).

(7) Os pontos de pousos, alcançados pelos viajantes geralmente ao fim de cada dia de jornada, tornar-se-iam elementos de garantia e segurança, pois neles se aglomeravam outros viajantes, tropas de mercadores e ainda militares que ali se arranchavam. Viajantes estrangeiros que atravessaram vastas regiões de nosso País, em especial no século XVIII, relatam as mais diversas tipologias e características dos pousos encontrados. Alguns detinham estruturas mais sólidas, com pilares de sustentação, alguma alvenaria, tetos cobertos geralmente de telhas ou palha e com relativa higiene. A maioria, porém, era constituída por casebres rudimentares, de pau a pique, onde se encontravam apenas produtos básicos para os tropeiros – carne seca, feijão, farejo de milho para os animais. As vendas maiores, por sua vez, continham maior sortimento e variedade de mercadorias para atendimento aos viajantes e mesmo moradores da região.

Francisco Bastos

## BATALHA

*"Tudo é real porque tudo é inventado".  
(João Guimarães Rosa)*

Naqueles tempos coloniais as viagens eram difíceis. Não havia estradas bem demarcadas. Os caminhos se embrenhavam por matas ainda virgens e as trilhas muitas vezes desapareciam pela falta de transeuntes. O bispo de Resende Costa, receoso, cercou-se de toda prudência possível. Seu séquito era composto de vinte e três homens. Todos iriam a cavalo ou em lombo de mulas. Além de alguns padres, um tanto de coroinhas e outros agregados. O religioso cercou-se também de alguns serviçais, como era comum naquela época. Um cozinheiro acostumado a acompanhar tropas de burros e seu auxiliar que foram escolhidos para alimentar o grupo. Cozinhar e viajar eram atividades de todo bom tropeiro. Sim, porque as viagens sempre eram longas e as distâncias na diocese eram difíceis de ser percorridas.

Para superar aquelas dificuldades o senhor bispo achou que deveria contratar um bom guia. Procurou saber quem melhor conhecia as divisas do distrito de Resende Costa com Passa Tempo e Oliveira, aqueles Campos das Vertentes. Campo-cerrado. Sabia que era uma região de elevadas montanhas onde o rio Jacaré nascia e que depois de se encontrar com o rio Tatu iria deslizar até o rio Grande. Quem mais conhecia e trafegava naqueles meios era um tal Feliciano de Resende. Esse um, homem de personalidade forte e acostumado a lidar com muita gente. De todo tipo. Tinha o hábito de mandar e ser obedecido. Eram tempos autoritários aqueles.

A Vila de São João Batista esperava com ansiedade a chegada do senhor bispo para as cerimônias religiosas. Crismas e batismos. Missas e casamentos. Era rara a presença da autoridade religiosa naquele povoado e todo tempo deveria ser aproveitado para melhor servir o Senhor.

A expedição partiu sob a orientação de Feliciano que, previamente, fez questão de esclarecer que tudo o que fizesse

### Tertúlias quixotescas

deveria ser rigorosamente imitado. O caminho era difícil e ele não estava ali para aturar desobediências. Se fosse a pé deveriam fazer o mesmo. Se montasse o cavalo todos deveriam fazê-lo. Ele não estava ali para ficar explicando tudo o que fazia. Queria obediência.

Quando o séquito do bispo já se aproximava da paróquia de destino eis que o grupo começou a subir por uma montanha mais elevada e escorregadia. O chefe comandava o trajeto com seu cavalo. Os outros seguiam atrás. Em um dado momento, o animal do Feliciano escorregou e caiu por terra. Os homens que o seguiam, sem saber o que estava acontecendo, julgaram que o melhor era imitá-lo. Um a um, precipitaram-se para o chão e formou-se uma enorme confusão. Eram homens e animais escorregando e amontoando-se. O bispo, vindo mais atrás, viu a confusão ensandecida e disse:

– Que loucura! Parece uma batalha!

Desde então, até os dias de hoje, aquele lugar passou a ser conhecido como "O Campo da batalha". Uns dizem simplesmente "A Batalha".

*(Extraído do livro "Tertúlias Quixotescas" págs: 87 e 88)  
Sobre a Fazenda da Batalha ver matérias em nossos boletins n.ºs LXXVIII – março/2014 e CLXXI – dez./2021*

Nossos cumprimentos ao distinto médico e escritor – nosso amigo Dr. Francisco Bastos. Gratos pela doação de livros de sua autoria.

